



As novas expressões na Dança Tradicional Portuguesa  
Folclore Minhoto

**Flávia Mafalda Pedro da Cunha**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Gestão Cultural**

Orientação: Prof<sup>a</sup>. Carla Cardoso

Setembro de 2019

As novas expressões na Dança Tradicional Portuguesa  
Folclore Minhoto

**Flávia Mafalda Pedro da Cunha**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Gestão Cultural**

Orientação: Prof<sup>a</sup>. Carla Cardoso

Setembro de 2019

“Sou BAILARINA e troco saídas por ensaios; O estilo pelo SUOR em todo o corpo; Noites de festa por uma ATUAÇÃO; Roupa de moda por TRAJES. Não me importa tudo o que deixei, porque o AMOR e a satisfação de fazer uma EXCELENTE ATUAÇÃO vale mais que tudo e sei que os verdadeiros amigos entendem!”

*(Adaptado, Autor Desconhecido).*

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a todos os jovens que partilham comigo a vaidade em trajar, o amor ao folclore, o orgulho pelas nossas tradições, e que, tal como eu, lutam para que estas nunca se percam no tempo.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar aos meus educadores que desde sempre me inculcaram as artes e cultura como parte pertinente da minha educação.

Aos meus professores da Licenciatura em Gestão Artística e Cultural da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, por me ajudarem ao longo dos três anos de curso e pelos anos que se seguiram.

À minha orientadora, professora do Mestrado em Gestão Cultural, Carla Cardoso pelo acompanhamento prestado ao longo da investigação e todo o trabalho desta dissertação.

À professora Luísa Arroz, professora e coordenadora do Mestrado em Gestão Cultural da Escola Superior de Artes e Design do Instituto Politécnico de Leiria, e aos restantes professores que me acompanharam nos dois anos do curso.

À minha companheira de estudo e amiga, Andreia Rodrigues, por todos os anos de amizade, pelas conversas, trocas de ideias e apoio em tudo. À mãe da Andreia, a Fernanda, por nos apoiar às duas nas horas de desistência.

Ao Djair Souza e ao Jair Piantino, amigos para a vida, por todo o apoio na investigação, troca de ideias e de documentação. Ajuda imprescindível na concretização desta dissertação.

À Mariana Teixeira, a minha amiga para todas as horas, amante do folclore, com quem partilho tudo e mais alguma coisa sobre a nossa área de paixão. Obrigada pela troca de ideias e todo o apoio ao longo deste mestrado e da investigação para esta dissertação.

Agradeço a todos os jovens que vestem os trajes e transformam as nossas tradições em bonitos espetáculos e assim as levam além-fronteiras, representando-as da melhor forma possível. Aqui incluo todos os meus companheiros das andanças folclóricas, principalmente do Grupo Etnofolclórico “RENASCER” de Areosa, que sempre me apoiam em projetos e dinâmicas em prol das Artes e da Cultura.

A toda a minha família por sempre acreditar que consigo tudo o que quero, me apoiarem e convencerem a não desistir deste sonho, que se tornava cada dia mais difícil de completar, agradecimento especial aos meus avós maternos e avó paterna. Ao Carlos Montero e à Raquel Cruzeiro por terem sempre uma palavra de força a dizer.

Por fim, mas não menos importante, o maior agradecimento aos meus pais, por todo o investimento na minha educação, pelo apoio incondicional ao longo dos vários anos de estudo e de vida. Por me terem educado a ser uma eterna apaixonada pela cultura, pelo folclore e pela cidade de Viana do Castelo. À minha irmã e ao Pedro Xavier, por me ouvirem e me apoiarem sempre. E ao Ruca, por ser a minha companhia de estudo, todos os dias.

## SINOPSE

Decidimos desenvolver, ao longo deste trabalho, um tema muito particular, o Folclore Minhoto, particularmente da cidade de Viana do Castelo. Pela forte ligação que temos a esta área, especificamente à dança folclórica, pretendemos estudar a sua evolução ao longo dos últimos tempos. Queremos ainda, ao longo do processo de estudo, criar um projeto que nos ajude a aproximar públicos e a divulgar esta atividade, trazendo a dança e a música folclórica para o palco da contemporaneidade, através da dança contemporânea.

Queremos com este projeto divulgar junto da sociedade a cultura do folclore, demonstrando que é possível desenvolver novos projetos a partir desta cultura ancestral. Serve ainda esta dissertação como meio de desmistificar o estereótipo do folclore enquanto cultura “parola”, conceito perpetuado ao longo das últimas décadas e inscrito nas gerações mais jovens. Existe uma predileção das camadas mais jovens pelas artes contemporâneas, especialmente a dança contemporânea, deixando as tradições e a cultura dos seus antepassados, muitas vezes esquecida. Este menosprezo é detetável através da observação da audiência de eventos e espetáculos folclóricos.

É importante que os grupos folclóricos se façam representar também com novas gerações, que permitam garantir e sustentar o futuro desta cultura. Usamos este objetivo como principal foco deste projeto e é, neste sentido que pretendemos desenvolver este projeto artístico e cultural, onde possamos desenvolver uma colaboração entre os grupos folclóricos de Viana do Castelo e os artistas contemporâneos selecionados, tanto na dança como na música.

## PALAVRAS-CHAVE

Folclore; tradição minhota; dança tradicional; dança contemporânea; contemporaneidade; gestão cultural; políticas culturais.

## ABSTRACT

We decided to develop, throughout this work, a very particular theme: Minhoto Folklore, particularly from the city of Viana do Castelo. Because of our strong connection to this area, specifically to folkloric dance, we intend to study its evolution over the last few years. Throughout the study process, we also want to create a project that helps disseminate and bring audiences to this activity, bringing dance and folk music to the contemporary scene, through contemporary dance.

With this project we want to spread folklore culture, demonstrating that it is possible to develop new projects from this ancestral culture. This study also serves to demystify the stereotype of folklore as a “tacky” culture, a concept that has been perpetuated over the last decades and inscribed in younger generations. These younger audiences have a predilection for contemporary arts, especially contemporary dance, leaving the traditions and culture of their ancestors, often forgotten. This contempt is detectable by observing the audience on folkloric events and presentations.

It is important that folkloric groups are also represented within the new generations, so that the future of this culture can be guaranteed and sustained. We use this aim as the main focus of this project and it is in this way that we intend to develop the artistic and cultural project, where we develop a collaboration between the folkloric groups of Viana do Castelo and selected contemporary artists, both in dance and in music.

## KEYWORDS

Folklore; *Minho's* tradition; traditional dance; contemporary dance; contemporaneity; cultural management; cultural politics.

## ÍNDICE

DEDICATÓRIA .....	iv
AGRADECIMENTOS.....	v
SINOPSE.....	vi
PALAVRAS-CHAVE .....	vi
ABSTRACT .....	vii
KEYWORDS .....	vii
ÍNDICE .....	viii
ABREVIATURAS .....	x
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – Enquadramento Político e Social.....	3
1.1 – O Secretariado de Propaganda Nacional .....	5
1.2 – Transformações Culturais Pós Ditadura .....	8
1.3 – A Federação do Folclore Português .....	9
1.4 – AGFAM – Viana do Castelo.....	11
CAPÍTULO II – O folclore minhoto .....	13
2.1 – As danças .....	16
2.2 – Os grupos folclóricos .....	17
2.3 – A experiência no meio folclórico .....	20
CAPÍTULO III – A era contemporânea do folclore.....	22
3.1 – Casos de Estudo .....	25
3.1.1 – O Vira como a Vida.....	25
3.1.2 – Viagem .....	25
3.1.3 – Grupo Etnofolclórico “RENASCER” de Areosa .....	26
3.1.4 – Escola de Dança: Arte em Movimento – AEM.....	27
3.2 – O projeto .....	29
3.3 - Questionários aos RF:.....	36
CONCLUSÃO .....	40

BIBLIOGRAFIA.....	45
Bibliografia.....	45
ANEXOS.....	1
Anexo 1: Questionários.....	2
Questionário 1: .....	3
Questionário 2: .....	5
Questionário 3: .....	7
Questionário 4: .....	9
Questionário 5: .....	11
Questionário 6: .....	13
Questionário 7: .....	15
Questionário 8: .....	17
Questionário 9: .....	19

## ABREVIATURAS

AEM – Arte em Movimento

AGFAM – Associação dos Grupos Folclóricos do Alto Minho

CIOFF – *Conseil International des Organisations de Festivals de Folklore et d'Arts Traditionnels* (Conselho Internacional da Organização de Festivais de Folclore e de Artes Tradicionais)

CMVC – Câmara Municipal de Viana do Castelo

EN – Estado Novo

FFIAM – Festival de Folclore Internacional do Alto Minho

FFP – Federação do Folclore Português

FNAT – Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho

GC – Gestão Cultural

GEFAC – Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra

GERA – Grupo Etnofolclórico “RENASCER” de Areosa

INATEL – Instituto Nacional para o Aproveitamento dos Tempos Livres

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

IPVC – Instituto Politécnico de Viana do Castelo

JCCP – Junta Central das Casas do Povo

MC – Ministério da Cultura

RAM – Rádio Alto Minho

RF – Ranchos Folclóricos

SAS – Serviços de Ação Social

SEIT – Secretaria de Estado da Informação, Cultura Popular e Turismo

SNI – Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo

SPN – Secretariado de Propaganda Nacional

TIVC – Televisão Independente de Viana do Castelo

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

VG – Verde-Gaio

## INTRODUÇÃO

O folclore é tão importante para a cultura como a dança e a música contemporânea, apesar do menosprezo sentido por parte da população, principalmente as gerações mais novas e urbanas sendo que, são estes jovens que poderiam desenvolver e garantir a sustentabilidade desta área para o futuro, através do desenvolvimento de novos projetos. Pretendemos com este trabalho, conseguir dar um impulso a esta área, através de um projeto artístico e cultural, que venha mais tarde a ser o foco para os jovens continuarem a manter as tradições, com determinação e chieira.

A escolha do tema para o presente trabalho, deve-se à grande ligação pessoal existente à área, no Alto Minho, mais precisamente em Viana do Castelo. É um objetivo particular não deixar que estas tradições tão minhotas desapareçam, algo que temos vindo a denotar, que cria o enfraquecimento dos grupos folclóricos e leva muita das vezes à suspensão da sua atividade. Por serem cada vez menos grupos, também a qualidade está em risco, deixando as bases fundamentais do seu projeto artístico desvanecer. Outros grupos vão surgindo, sem estudo, nem preparação para que as tradições se possam manter, manchando a imagem global dos grupos folclóricos.

Nos grupos existentes conseguimos detetar que a sua maioria são compostos por faixas etárias entre os 30 e os 60 anos. De forma a contornar esta situação e baixarmos a idade média, propomo-nos criar um projeto que possa apelar à população geral, mas principalmente à juventude, respeitando a história e defendendo a cultura do folclore português. Suscitar o interesse dos jovens por esta área é o principal foco deste projeto.

Contextualizamos o tema, recuando à época do Estado Novo e da “política de espírito”, onde se começaram a revelar as tradições e o folclore como meio de propaganda, nomeadamente através do Secretariado Nacional de Informação (SNI), o antigo Secretariado de Propaganda Nacional (SPN). A criação de um Ministério da Cultura traz a criação de uma secção de apoio às tradições populares e à etnografia da INATEL. Mais tarde, vemos o aparecimento da Federação de Folclore Português, como a organização mais recente de defesa do folclore, com o objetivo de criar uma série de “normas” às quais os grupos federados devem corresponder.

Após a contextualização, considerámos relevante o enquadramento do folclore da região, das suas músicas e danças, bem como dos seus grupos, como meio de

entendermos o caminho a percorrer, para posterior criação do projeto cultural, exposto no último capítulo desta dissertação.

Considerámos importante ainda, conhecer os projetos do artista Tiago Pereira, nomeadamente “A Música Portuguesa a Gostar Dela Própria” e “A Dança Portuguesa a Gostar Dela Própria”, por serem dois projetos produzidos em Portugal, contemporâneos, que defendem a nossa identidade assim como a preservação e conhecimento das nossas tradições e que, poderão vir a ser aliados do projeto proposto.

Desejámos recorrer a Repositórios Científicos de forma a encontrar dissertações e outros artigos que poderiam ir de encontro ao assunto abordado, assim como outros livros e documentos científicos que a Biblioteca Municipal de Viana do Castelo nos pudesse fornecer para a concretização desta investigação. De forma a elaborar o nosso projeto artístico e cultural, a pesquisa de críticas, em revistas culturais e periódicos sobre os artistas contemporâneos e seus trabalhos, foi essencial. Desta forma podemos analisar os seus trabalhos e seleccioná-los, a fim de poder vir a contactar os artistas para uma concretização futura do projeto. Antes de avançarmos com este trabalho, conhecemos um pouco o grupo esloveno *Lúčnica – Slovak National Folklore Ballet*, considerado o mais famoso grupo de folclore eslovaco (Roy, 2014), que combina o espetáculo tradicional com o contemporâneo. Este grupo levou as suas tradições à Austrália divulgando assim a sua cultura e arte internacionalmente. Pretendemos com este projeto, promover iniciativas semelhantes.

Não deixámos de parte qualquer entrevista que possa surgir a diretores de associações folclóricas da região assim como ao Departamento de Tradições Populares e Etnografia da INATEL, para possíveis apoios à programação. Pela nossa forte ligação ao folclore e tradições vianenses, considerámos ainda, pertinente abordar algumas experiências e projetos já realizados no mesmo âmbito, tradicional e contemporâneo, através de questionários a componentes de grupos folclóricos da cidade de Viana do Castelo.

Queremos por fim, que este trabalho possa ser em si mesmo, um meio que permita cativar a atenção de gerações mais jovens e de um público mais especializado, e que possa servir de apoio aos grupos folclóricos para um envolvimento em projetos inovadores e dinâmicos nesta área.

## CAPÍTULO I – Enquadramento Político e Social

“...a política cultural salazarista cedo integrou uma componente ideológica importante, cabendo ao respetivo espaço institucional e seus agentes uma parte fundamental da inculcação ideológica.”

(Melo, Salazarismo e Cultura Popular (1933-58), 2011).

De forma a enquadrar a temática deste projeto a nível político e social, começamos por definir as políticas culturais, descrever o surgimento de organismos públicos que apoiam as artes e a cultura, assim como a forma que os mesmos organismos apoiaram as artes tradicionais, incluindo o folclore.

Quando falamos de políticas culturais, falamos de processos sociais e práticas de intervenção. Entendemos a cultura “como o saber e o fazer dos indivíduos, como campo da produção cultural ou do campo artístico” (Albuquerque, Caderno PAR nº 4, 2011). O aparecimento recente desta classe de intervenção pública da cultura e da produção de política cultural foi feita, principalmente, por agentes políticos e culturais.

As primeiras responsabilidades políticas que o Estado assumiu respeitante às artes e à cultura, remetem para a criação de instituições culturais e artísticas públicas. Sabemos que Portugal viveu sob um regime político ditatorial, caracterizado por uma política cultural central, definida e organizada de forma a lembrar os valores culturais e tradicionais do povo. Este regime era defendido por um instrumento político central, através do qual eram controladas as atividades artísticas e culturais.

Foram publicadas leis, antes e durante a ditadura, onde se destaca a criação de um instituto promotor com o objetivo de melhorar a cultura nacional, através de um processo de diferenciação de níveis culturais dentro do campo da cultura artística. As relações entre os regimes políticos e os movimentos folclóricos nacionais foram associados a atividades que por sua vez se transformaram num instrumento para a mobilização ideológica. “Em Portugal, o processo de folclorização à escala nacional e o aparecimento de um movimento folclórico ocorrem num quadro ideológico, político e cultural caracterizado pela existência de um regime designado Estado Novo (...)” (Branco, Autoritarismo Político e Folclorização em Portugal: O Mensário das Casas do Povo (1946-1971), 1999).

## 1.1 – O Secretariado de Propaganda Nacional

Portugal sentiu a necessidade de criar um órgão que se dedicasse inteiramente à propaganda. Foi por isso fundado, pela Presidência do Conselho, segundo o “decreto-lei nº 23:054, publicado no número 218 do Diário do Governo de 25 de Setembro de 1933, I Série, o Secretariado de Propaganda Nacional, justificando-o ao considerar, logo no sumário do texto legislativo «que todos os países novos ou renascentes têm sentido a necessidade de organizar e centralizar a propaganda interna e externa da sua atividade»” (Cadavez, 2012).

Com a fundação do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) em 1933, o Estado Novo usou este organismo como forma de impulsionar a sua política folclorista. Este organismo era dependente do Presidente do Conselho, na altura António de Oliveira Salazar, e dirigido pelo jornalista e escritor António Ferro<sup>1</sup> até 1949. O SPN seria responsável por desenvolver uma imagem politicamente eficaz, juntando as artes plásticas ao teatro e ao cinema, assim como as práticas e discursos etnográficos. O secretariado contou com uma seleção limitada de trabalhadores e colaboradores, de que faziam parte diretores e criadores de ranchos folclóricos, personalidades essas que mereciam a confiança deste organismo.

Para além do SPN, surgiram outros organismos que alimentavam a imagem rural e ideal de um povo, como a Fundação Nacional para a Alegria do Trabalhador<sup>2</sup> (FNAT), as

---

<sup>1</sup> “Jornalista e político (Lisboa, 17.08.1895 - *ib.*, 11.11.1956). (...) De 1933 a 1950 chefiou o depois intitulado Secretariado Nacional de Informação (SNI). Foi comissário-geral das exposições internacionais de Paris (1935) e Nova Iorque (1938) e presidente da direcção da Emissora Nacional (1941). (...) Deve-se-lhe ainda a criação do Museu de Arte Popular e o Grupo de Bailados Verde-Gaio.” (António Joaquim Tavares Ferro, s.d.).

<sup>2</sup> “O papel da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT) no processo de folclorização português enquadra-se numa tendência comum (...), integra-se num movimento internacional mais lato de reabilitação do folclore, que se afirmou como reacção às transformações decorrentes das convulsões político-militares e da modernização económico-tecnológica. (...) Em Portugal a FNAT desempenhou um papel importante na concretização dum programa oficial de cultura popular, no qual o folclore era um dos elementos principais, de acordo com o movimento internacional da Alegria no Trabalho.” (Melo, Capítulo 2. A FNAT entre conciliação e fragmentação, 2003).

Casas do Povo, mais tarde a Junta Central das Casas do Povo<sup>3</sup> (JCCP), que integraram o folclore e a arte popular numa política de cultura popular, e promoveram a etnografia no contexto do Estado Novo. No entanto é o SPN que se torna o organismo central, através do qual é estruturada uma ação cultural própria.

O Estado Novo concebeu o SPN como instrumento-chave da sua implementação política e social, acabando este por ser um dos principais agentes da propaganda e da dinamização da “Política de Espírito”, ocupando assim, para além de outras instituições de grande importância na promoção das práticas etnográficas, um lugar de destaque na produção da imagem cultural desse regime.

O objetivo de António Ferro foi de tentar traçar uma imagem de Portugal, não só para os portugueses, mas também para o estrangeiro, fazendo da ação do secretariado um meio de transformação da cultura popular. O SPN focava o seu trabalho na propaganda nacional e nos instrumentos a utilizar para tornar a missão eficaz, essa divulgação era conduzida por publicações na imprensa, onde se promovia uma boa imagem do país.

Em 1944, o SPN é rebatizado por Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI), e é então que Ferro começa a desenvolver um programa de iniciativas folcloristas. Semelhante aos produtos de “alta cultura”, também a cultura popular foi sujeita a um processo de purificação e recriação. A “arte popular” começou a ocupar lugares de destaque em exposições e feiras, com o folclore e os seus elementos populares, designados por “arte popular portuguesa”, estes acabaram por ter um papel fundamental no que respeita à propaganda da afirmação nacionalista.

Para o desenvolvimento do trabalho do SPN/SNI, surgem três grandes eixos de ação no domínio da música erudita e da música popular portuguesa, nomeadamente a

---

<sup>3</sup> As Casas do Povo eram organismos primários que tinham como objetivo o apoio social, cultural, educacional e económico da população rural. “Estas instituições, implantadas durante o regime político do Estado Novo português, foram estabelecidas através do Decreto-Lei n.º 23:051, de 23 de Setembro de 1933. (...) Devido à falta de apoio institucional e às críticas feitas sobre a organização corporativa por partes dos serviços públicos e das autarquias locais, e para que estes organismos desenvolvessem melhor o seu propósito e pudessem assim fazer parte do interesse de todos, foi necessário criar em meados da década de quarenta uma entidade que se responsabilizasse por coordenar e orientar as ações das Casas do Povo, falamos da Junta Central das Casas do Povo [JCCP(Povo)], institucionalizada através do Decreto-Lei n.º 34:373, de 10 de Janeiro de 1945.” (Jaramillo, 2012).

criação dos Bailados Portugueses Verde-Gaio<sup>4</sup> (VG); a formação do Gabinete de Estudos Musicais; e o desenvolvimento de uma política para os grupos folclóricos.

A folclorização tornou-se, assim, um dos principais vetores da propaganda durante o Estado Novo, "... os RF tornaram-se o foco de atenção do secretariado, que em 1944, se assumia como organismo responsável pela sua exibição. (...) A ação do SNI não passou tanto pelo incentivo à criação de novos ranchos, mas por um processo de seleção de agrupamentos já existentes" (Alves, Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo ).

Nos grupos folclóricos eram poucos, ou quase raros, aqueles que mereciam a confiança deste secretariado para representarem Portugal no estrangeiro, assim como a envolvimento do secretariado com os grupos folclóricos, que já foi tardia, pela desconfiança da fidelidade às tradições. Foi em 1947 que o SNI começou a dar mais atenção aos grupos folclóricos com o objetivo de criar um "mapa da música popular portuguesa". A música e a dança popular foram utilizadas enquanto matéria-prima para criar o retrato de Portugal, onde a preocupação do secretariado sempre foi a representação da arte popular, no que respeitava levá-la além-fronteiras. A aproximação do secretariado aos grupos folclóricos faz-se através de convites para apresentações organizadas pelo organismo, para públicos selecionados. A partir da década de 50, o SNI começa também a financiar a participação dos grupos em alguns festivais de folclore internacionais. Podemos concluir que, o interesse do SNI pelos grupos folclóricos revela um propósito, o de colaborarem e mostrarem a identidade cultural do país em espetáculos organizados para elites e público estrangeiro.

Para os grupos folclóricos cooperarem com o secretariado nesses festivais, estes solicitavam ajuda para despesas de deslocação, que só eram aceites caso os grupos obedecessem a determinadas regras. Para o SNI era bastante importante a representação fiel de Portugal, principalmente no estrangeiro, ou seja o próprio grupo folclórico não se poderia fazer representar sem os trajes e o repertório puro e fiel à sua localidade.

---

<sup>4</sup> "O Verde Gaio foi a primeira companhia profissional de dança teatral portuguesa. Criada em 1940, por ocasião das comemorações do VIII Centenário da Fundação da Nacionalidade, esse estigma de nascimento determinou o seu lugar no seio de um projeto mais vasto de ação psicossocial. Nesta estratégia de intervenção pretendia-se relançar, definindo a sua natureza, a vida artística do país, projeto do qual o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), dirigido por António Ferro desde 1934, se pretendia impulsionador." (Roubaud, 2003).

Os grupos folclóricos surgem como um ótimo instrumento da ação folclorista deste organismo, por constituírem uma encenação da vida popular, deixando assim nas apresentações públicas, uma imagem de autenticidade dos trajes, das músicas e das danças. O SNI só começou a utilizar os grupos folclóricos após conseguir fazer a seleção dos que cumpriam as regras, para assim os convidarem regularmente para se apresentarem a um público escolhido, em eventos organizados pelo secretariado.

Sabemos que o secretariado foi um importante divulgador de um retrato construído e calculado de um certo tipo de povo português à imagem da política do Estado Novo, desenvolvida enquanto atividade cultural. Em 1968, este secretariado é extinto, dando assim origem à Secretaria de Estado da Informação, Cultura Popular e Turismo (SEIT).

## 1.2 – Transformações Culturais Pós Ditadura

É apenas em 1995 que surge o Ministério da Cultura, uma iniciativa do governo liderado por António Guterres. A cultura passa então a ter um orçamento próprio, tutelado por esse Ministério. Para além de passar a ter um orçamento próprio, o mesmo organismo estabelece duas funções centrais, nomeadamente a melhoria das condições de acesso às artes e à cultura, assim como a defesa de todo o património cultural.

A par de um MC, que assume a gestão de apoio às artes, a INATEL<sup>5</sup> assume o apoio às tradições populares e à etnografia, como uma das principais áreas no que concerne à cultura, com a criação do Departamento de Tradições Populares e Etnografia da INATEL.

A criação do MC não significava que a cultura era restringida apenas à intervenção deste organismo, mas passou a existir uma entidade que definia e implementava a política cultural, existindo nas suas Direções-Gerais e organismos, vários domínios de intervenção que cruzam e complementam essas políticas culturais.

---

<sup>5</sup> “Criada em 1935 como Fundação Nacional para Alegria no Trabalho (FNAT), a Fundação INATEL, hoje tutelada pelo Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, desenvolve atividades de valorização dos tempos livres nas áreas do turismo social, da cultura popular e do desporto amador, com profundas preocupações de humanismo e elevados padrões de qualidade.” (Fundação INATEL, 2018).

A nível local, além destes organismos, também os municípios, desde o fim da ditadura, progressivamente assumem responsabilidades na gestão, valorização e conservação de imóveis e bens culturais, assim como a implementação de políticas culturais, através das quais são criados outros departamentos, associações e fundações com objetivos próprios, e onde podemos também incluir os grupos folclóricos.

Já a nível internacional, a participação de Portugal em organizações como a UNESCO<sup>6</sup> e a União Europeia, é importante no que concerne à criação de estratégias para a concretização das respetivas políticas culturais externas, assim como para a internacionalização das suas tradições.

### 1.3 – A Federação do Folclore Português

Após o apoio do SNI aos grupos folclóricos e o processo de seleção dos mesmos, estes começam a emergir em grande número, e surge então a necessidade de se definirem novas regras básicas para uma correta apresentação dos mesmos. Essas regras pretendiam combater a desfiguração e adulteração da indumentária das épocas representadas, assim como adotar reportórios adequados aos agrupamentos folclóricos e posturas diferentes das que se apresentavam nos teatros de revista.

É na década de 50 que Augusto Gomes dos Santos<sup>7</sup> começa um processo de formação de um organismo que viria a surgir mais tarde com o nome de Federação do Folclore Português (FFP). É desde então que se começam a definir alguns parâmetros nos quais o organismo iria trabalhar. É com um grupo de trabalho, denominado por Comissão Organizadora de Seminários e Congressos de Folclore, que se começam a organizar

---

<sup>6</sup> “A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO, criada em 1945, tem como principal objetivo contribuir para a paz, desenvolvimento humano e segurança no mundo, promovendo o pluralismo, reconhecendo e conservando a diversidade, promovendo a autonomia e a participação na sociedade do conhecimento.” (DGES, 2019).

<sup>7</sup> Augusto Gomes dos Santos nasceu em Arcozelo a 23 de julho de 1924, falecendo na mesma freguesia em 2011, dedicou mais de 40 anos ao folclore, etnografia e tradições portuguesas. Foi o fundador da Federação do Folclore Português, em 1977, direcionando-a até 2004. Para além da FFP, foi coordenador de alguns festivais e apoiou também vários grupos de folclore em Portugal e várias comunidades portuguesas. (Augusto Gomes dos Santos | Pessoas | Folclore.PT, s.d.).

congressos, com a finalidade de apresentar publicamente, aquela que viria a ser a futura FFP. Anualmente eram organizados os congressos e seminários, que são interrompidos com a revolução do 25 de abril.

Surge em 1977 a Federação do Folclore Português (FFP), durante o Primeiro Congresso Nacional de Folclore, no qual Augusto Santos é eleito seu presidente. Durante o Estado Novo o papel dos agrupamentos como o SPN e a FNAT pretendiam criar uma imagem de representação do povo em relação ao regime que se vivia. A FFP surge para fiscalizar os grupos folclóricos. Criada assim uma associação de instituições culturais com o objetivo incidente "... na investigação, estudo, divulgação e salvaguarda de todos os elementos constituintes da cultural tradicional e popular portuguesa." (Federação do Folclore Português, 2018).

Após a democratização da sociedade, o folclore deixou de ser "um veículo de afirmação do estado para se transformar num meio de afirmação da sociedade civil" (Seromenho, 2003), é assim que a FFP se torna o organismo responsável pelo folclore, sem admitir a intervenção direta do estado.

Na direção deste organismo, as responsabilidades técnicas são atribuídas, segundo os estatutos de 1978 a "(...) pessoas com reconhecidos conhecimentos do Folclore Português, antigos dirigentes, componentes, diretores artísticos ou técnicos (...)" de grupos folclóricos. Estes devem fazer o trabalho técnico de seleção dos grupos folclóricos que defendem os seus valores, sempre de acordo com a orientação da federação.

Ser um grupo federado correspondia a ter uma certificação de qualidade, o que era um fator decisivo para a contratação dos grupos folclóricos, assim como para a obtenção de subsídios de autarquias e outros organismos. Mesmo assim a atividade realizada pela FFP, tanto é contestada pelos grupos federados como não federados, queixando-se ainda da falta de apoio técnico e monetário. Atualmente, para a contratação de grupos por parte de festas e festivais, ser federado já não é um fator relevante, pois tanto uns como outros, na sua grande maioria pouco cumprem as normas da Federação e, muitas vezes, as tradições locais.

Ainda assim são considerados os "grupos de qualidade" aqueles que representam tão bem em cima do palco como em baixo, em paradas e cortejos, fazendo jus às atividades representativas de cada área geográfica e período histórico, aos quais as suas danças, cantares e trajes reportam, e estes por sua vez, na maioria não são grupos federados, pelo simples facto da FFP já não atribuir qualquer tipo de vantagem aos grupos cumpridores. Em relação ao período histórico, sabemos que a FFP define o ano de 1910

como limite cronológico, no que respeita à representação dos seus antepassados, pois a partir de então as mudanças na sociedade foram profundas, deixando assim os verdadeiros usos e costumes da nação enfraquecer.

Atualmente ser federado não significa que seja um grupo com qualidade, uma vez que, também esses, cada vez mais desrespeitam as indicações que a federação propõe. Quando a federação promove uma certa “autenticidade” aos grupos, acaba também por contribuir para a invenção de tradições que não existem. Sempre que um grupo sobe ao palco e dança o “fandango” ou o “vira”, está a alterar o contexto nos quais estas danças eram apresentadas.

Os grupos folclóricos devem ser fiéis às tradições, no entanto, devem também adaptar-se aos dias de hoje, não só quanto ao tipo de “piso” que utilizam, mas também ao público cujos hábitos culturais já não se adequam aos hábitos tradicionais, como assistir a dez danças de roda durante uma apresentação de vinte minutos. A cultura não é um processo estático, muito pelo contrário, é dinâmico e sempre em constante renovação, sendo assim pouco sentido faz hoje classificar as tradições como verdadeiras ou falsas.

Os grupos folclóricos devem também tentar aproximar-se do público de hoje, estudando os seus hábitos para que possam criar um espetáculo dinâmico e ainda assim fiel aos seus valores. É este o contexto em que surge o projeto que pretendemos desenvolver: promover a criação de espetáculos folclóricos contemporâneos que não retirem aos grupos a sua autenticidade nas tradições que defendem.

#### 1.4 – AGFAM – Viana do Castelo

A nível local, Viana do Castelo, tem uma entidade que, segundo os seus estatutos, visa a investigação, defesa e divulgação do folclore do Alto Minho. Criada em 1981, com sede na cidade de Viana do Castelo, a AGFAM – Associação de Grupos Folclóricos do Alto Minho, junta quase todos os grupos folclóricos do concelho de Viana do Castelo. É uma associação sem fins lucrativos, que vive das joias e quotas dos seus associados, grupos folclóricos na sua maioria, para os quais organiza, com o apoio dos mesmos, uma variedade de eventos, com o objetivo principal de divulgarem o seu trabalho.

Entre os vários eventos, ao longo do ano destacam-se feirões realizados entre maio e setembro, e também feirões temáticos, como o das Vindimas, de São Martinho, do Porco, da Patanisca e o do Mel. De 1996 a 2016, foi a associação promotora e organizadora do Festival de Folclore Internacional do Alto Minho<sup>8</sup> (FFIAM) em conjunto com a Associação Viana Festas<sup>9</sup>, com o objetivo de promover o Folclore Mundial nos palcos da cidade de Viana do Castelo. Nas datas especiais, ligadas à área do folclore, a AGFAM também promove eventos, nomeadamente sobre a dança, a música e o folclore. De dois em dois anos, junta todos os grupos do concelho para um evento único no ano, onde cada grupo dança três danças existentes em todos os grupos das freguesias que aderem à iniciativa.

---

<sup>8</sup> “Os Festivais CIOFF, como o Festival de Folclore Internacional “Alto Minho”, sob o alto patrocínio da UNESCO, são um instrumento importante para a compreensão entre os povos, a solidariedade, o desenvolvimento e a paz. (...) O Festival de Folclore Internacional Alto Minho é organizado pela VianaFestas e uma Comissão Executiva, que este ano, integra: a Ronda Típica de Carreço, Grupo Etnográfico “Renascer” de Areosa, Grupo Folclórico de Viana do Castelo, Rancho Folclórico do Centro Desportivo e Cultural de Outeiro e o Grupo de Danças e Cantares da Casa do Povo de V. N. de Anha, com o apoio da Câmara Municipal de Viana do Castelo e o do CIOFF® (Conselho Internacional das Organizações de Festivais de Folclore e Artes Tradicionais).” (VianaFestas, Eventos e Romarias | XXIII Festival de Folclore Internacional do Alto Minho, 2017).

<sup>9</sup> “A VianaFestas – Associação Promotora das Festas da Cidade, criada por escritura, a 15 de março de 2002, tem na sua origem a institucionalização das seculares Comissões de Festas da Senhora d’Agonia, sendo considerada necessária e essencial para a prossecução da organização destas famosas festividades, conhecidas pela “Romaria das Romarias de Portugal”, perante o envolvimento não só de volume financeiro mas, essencialmente, no seu aspecto legal e fiscal.” (VianaFestas, VianaFestas | VianaFestas Associação Promotora das Festas da Cidade de Viana do Castelo, 2017).

## CAPÍTULO II – O folclore minhoto

“Devemos lembrar que um dos pontos essenciais do folclore é a oralidade, pois se tratam de conhecimentos que são perpetuados por meio dos ensinamentos de uma geração para outra, pautados substancialmente na oralidade. Isso nos faz entender como ocorrer o processo de reatualização, pois na transmissão desses saberes ocorre, também, a adaptação das tradições ao novo contexto.”

(Santos, Santos , & Santos , 2015)

Segundo Freitas Branco, em *A fluidez dos limites: discurso etnográfico e movimento folclórico em Portugal*, o movimento folclórico, para António Jorge Dias<sup>10</sup>, surge por dois motivos: por um lado a necessidade de não descaracterizar as populações e, por outro lado, pela iniciativa de pessoas mais ou menos influentes nos meios rurais, que animavam assim as festas locais (P. 5).

Susana Sardo, no *Fado, Folclore e Canção de Protesto em Portugal: repolitização e (con)sentimento estético em contextos de ditadura e democracia*, considerava o folclore - nome que os grupos folclóricos davam ao reportório que interpretavam (P. 65) - o quarto “f” da política dos efes<sup>11</sup>. Já contrário ao fado - o género musical urbano -, o folclore procurava representar o povo rural. O folclore parecia ser o efe que melhor representaria a identidade portuguesa, dentro e fora do país, pois o seu trabalho era feito através do traje, da dança e dos instrumentos do nosso povo.

Os primeiros estudos folclóricos partiram de folcloristas que pretendiam fazer da cultura popular um objeto de estudo. Quando a palavra folclore foi usada pela primeira vez, esta pretendia significar os modos, costumes, superstições e provérbios tradicionais (Néia, 2017). Era habitual uma associação do termo folclore à oralidade de um povo com uma dispersão temporal e eternizado por gerações vindouras.

Uma vez que essa informação popular era transmitida oralmente, também justifica a existência de múltiplas visões e expressões numa mesma época, provando assim que o folclore não é uma prática estática e sofre constantes alterações. O folclore é parte integrante da cultura de um povo e conseqüentemente da cultura popular, à qual associamos os usos e costumes da localidade. Esta área “...vem revelar às gerações seguintes os modos de ser, de estar, de fazer e de sentir dos seus ancestrais, conduzindo à permanência de identidade portuguesa nos diferentes continentes” (Teixeira, 2008).

Segundo Vasconcelos (2001) o folclore divide-se em dois paradigmas, a reconstituição que “faz do folclore uma representação tão fiel quanto possível dos costumes de outrora”

---

<sup>10</sup> “Etnólogo português, nascido no Porto. (...) Especializou-se em Etnologia na Alemanha, onde fez doutoramento em 1944, com a tese “Vilarinho dos Furnas, Uma Aldeia Comunitária”, na Universidade de Munique. Regressou a Portugal em 1947 e ingressou no Centro de Estudos de Etnografia Peninsular do Porto (1947), nele se criando uma secção de etnografia sob a sua direcção.” (António Jorge Dias | Pessoas | Folclore.PT, s.d.)

<sup>11</sup> “Alguns instrumentos disciplinadores foram então promovidos sobretudo através de um tríptico que ofereceu a Portugal o epíteto de «o país dos três efes»: Fado, Futebol e Fátima.” (Sardo, Fado, Folclore e Canção de Protesto em Portugal: repolitização e (con)sentimento estético em contextos de ditadura e democracia, 2014).

e a estilização que faz deste “um objeto em si que circula num mercado próprio” (PP. 399 e 400), contribuindo para uma economia local.

O folclore concebia-se como a utilização de comportamento expressivo de diversos modos de viver. Com o tempo e a necessidade de apresentar ao público este tipo de vivência, surgiu a performance folclórica, que consiste na representação do passado histórico ou da memória de um povo, através de danças, cantigas e trajes.

## 2.1 – As danças

No que respeita às danças foi Tomaz Ribas<sup>12</sup> o folclorista que mais se dedicou a esta área, devido à sua formação em dança, que melhor conseguiu fixar as tipologias das danças, assim como registar as suas técnicas e posturas locais. Nesta ação de registo de conceitos e boas práticas no domínio das atuações dos grupos folclóricos, Ribas sempre valorizou o traje como elemento crucial. Para além de Tomaz Ribas, também Pedro Homem de Mello<sup>13</sup> trabalhou sobre a riqueza das danças populares, das quais atualmente podemos destacar o “vira”, o “fandango”, a “tirana”, a “chula”, entre outras...

A dança faz parte do folclore, assim como o folclore é um importante referencial para a história da dança. A dança popular ou tradicional é componente específica do folclore, que se define como “aquilo que é criado pelo povo e pertence ao povo” (Ribas, 1982), atividades espontâneas ligadas às práticas da história do povo. Percebemos que, pelo menos no Alto Minho, a representação de danças folclóricas com trajes a rigor são comuns<sup>14</sup>, assim como o surgimento de paradas agrícolas<sup>15</sup> que levaram à criação dos grupos folclóricos.

Na região de Viana do Castelo podemos encontrar principalmente o “vira”, a “chula” e a “gota”, danças com marcações que se apresentam em pares, filas, quadrados e também em rodas. Quando falamos em dança folclórica devemos considerar vários elementos que a constituem, elementos esses fundamentais para que esta seja verossímil, onde podemos incluir o simbolismo, os acessórios, a indumentária, a coreografia, o

---

<sup>12</sup> Escritor e etnógrafo. Foi Delegado no Algarve da Secretaria de Estado da Cultura e também Chefe da Divisão de Etnografia e Folclore do INATEL. (Tomaz Ribas | Pessoas | Folclore.PT, s.d.).

<sup>13</sup> Grande estudioso do folclore português, dedicando vários programas de televisão e ensaios a este campo. As raízes líricas mergulham na vivência íntima e sintonia com o povo, abrindo espaço através do folclore. (Pedro Homem de Mello | Pessoas | Folclore.PT, s.d.).

<sup>14</sup> “...Sobretudo entre as mulheres, e em ocasiões festivas onde ela se proporcionava. Muito provavelmente, este modelo terá estado na origem da construção de uma imagem de grupo de danças e cantares – mais tarde designado por Rancho Folclórico -, como elemento alegórico e representativo da tradição regional e local.” (Sardo, Música Popular e Diferenças Regionais, 2008).

<sup>15</sup> Atuais Cortejos Etnográficos, que acompanham a maioria das romarias e festas anuais do país.

instrumental e a técnica, que vão ao encontro aos acontecimentos tradicionais do quotidiano das sociedades que representam.

Já Gil Vicente em algumas das suas peças chegou a fazer alusão à “chula” e ao “vira”, chamando a esta última a “dança do Minho”. Ambas são danças portuguesas antigas. No caso da “chula”<sup>16</sup>, com um compasso quaternário, diferente do “vira”<sup>17</sup> que se apresenta com um compasso ternário. Esta última é por sua vez considerada uma das danças portuguesas mais características e por muitos mencionada como “o ex-libris da cidade”, pois qualquer grupo folclórico da cidade de Viana do Castelo, mas também de outras cidades, apresentam um “vira” nos seus espetáculos.

Assim como a “chula” e o “vira”, também a “gota”<sup>18</sup> é uma dança muito conhecida no Minho, uma dança semelhante “vira” e também ao “fandango”<sup>19</sup>, distinguindo-se pelo seu ritmo e a forma de dançar.

## 2.2 – Os grupos folclóricos

Portugal é um país em constante mudança no que se refere à música e à dança tradicional portuguesa. “Os grupos folclóricos são normalmente referidos como

---

<sup>16</sup> “É uma dança que tem cantador, ou cantadeira, ao desafio, mas o seu estribilho, ou refrão, é só instrumental. Baila-se a chula — que é uma dança tipicamente nortenha — do Minho à Beira Alta.” – P.91 (Ribas, 1982).

<sup>17</sup> “Com efeito, o vira é uma dança de tradição minhota, embora se baile, de maneira diferente, também na Nazaré e no Ribatejo, e, hoje, se baile à maneira minhota em quase todo o País. O vira é, de uma maneira geral, a dança popular portuguesa mais característica e popularizada. Há inúmeras variantes — tanto musicais como na maneira de o bailar. (...) O vira não tem estribilho: a quadra da cantadeira repete-a o coro dobrada em terceiras ou somente dois versos e um *larai* como estribilho.” - PP. 97-98 (Ribas, 1982).

<sup>18</sup> “A gota é uma dança popular portuguesa, bailada no Minho, que nada tem a ver com a «jota» espanhola (geralmente conhecida pelo nome de «jota aragonesa»). (...) O fandango distingue-se da gota porque esta possui um carácter mais instrumental.” – P. 94 (Ribas, 1982)

<sup>19</sup> “Do ponto de vista musical, o fandango é semelhante ao vira, porém, baila-se de diferente maneira; de resto, o actual vira é possivelmente o antigo fandango agora dançado em cruz. Dança que nos veio de Espanha, o fandango enraizou-se em Portugal, onde é bailado em quase todo o país desde há muito.” - P. 92 (Ribas, 1982)

detentores e transmissores da nossa música e dança tradicionais” P.58 (Sardo, O papel do Grupo Folclórico (federado) no contexto da Música Popular Portuguesa, 1988).

Como meio principal de promoção da cultura popular, os grupos folclóricos foram criados para serem o principal elemento performativo durante o Estado Novo, no entanto, para se integrarem na política cultural, deveriam ser também reconhecidos pela sua prática. Os grupos folclóricos já formavam a base da organização visível no processo de folclorização, onde vários autores datam o aparecimento deste tipo de agrupamentos por altura da Primeira Grande Guerra, no Norte de Portugal, pela mão de Abel Viana<sup>20</sup>, que já organizava espetáculos com grupos permanentes<sup>21</sup>. Já segundo Susana Sardo (2008), Abel Viana foi o primeiro a apresentar um grupo de Areosa, em 1919, por ele preparado para participar em certames de danças regionais. No entanto, Viana já havia colaborado com o Rancho de Carreço<sup>22</sup> que tinha atividade desde 1917, formalizado apenas em 1924-25.

A formação dos grupos folclóricos surge na maioria das vezes através da iniciativa de pessoas com influência local, a quem se reconhece autoridade, cabendo a essas pessoas a definição de uma identidade para o grupo, do repertório de músicas e danças, da indumentária e da mensagem a transmitir. No entanto, existem muitos grupos que são formados não apenas pela influência de uma pessoa, mas pela força de vontade de grupos de pessoas, e antigamente mais jovens.

Neste tipo de associações é notável o orgulho, dedicação e prazer em apresentarem e divulgarem junto do público os trajes, tanto a indumentária de trabalho masculina e feminina como a de festa, que envergam com orgulho, representando as gerações passadas. A postura dos membros dos grupos folclóricos, nos ensaios e nas atuações, invocam uma estilização de gestos das atividades agrícolas. Existem por exemplo

---

<sup>20</sup> “Abel Viana (n. Viana do Castelo, 16 de Fevereiro de 1896, f. Beja, 17 de Fevereiro de 1964) foi uma figura ímpar da Arqueologia portuguesa (...)” (Câmara Municipal de Oeiras, 2014). Segundo conhecimento popular sabemos que Viana se interessou pela etnografia e folclore vianense, ajudando também na pesquisa e impulsionando a fundação de alguns grupos folclóricos.

<sup>21</sup> “Por outro lado, existem referências à formação de grupos corais no Alentejo na década de 20 (...) apontando o princípio da década de 30, (...) reporta-se provavelmente a ranchos organizados como grupos associativos.” P.37-38 (Branco, A fluidez dos limites: discurso etnográfico e movimento folclórico em Portugal, 1999).

<sup>22</sup> Considerado o primeiro Rancho Folclórico formado em Portugal, atualmente o Rancho Regional das Lavradeiras de Carreço. “... Há mais de noventa anos reuniu um grupo de jovens, que costumavam formar os “ranchos” para animar os serões as festas e romarias das redondezas...” (Vira Viana, 2016).

danças que através do simples gesto dos braços no ar, conjugado com o movimento dos pés, invocam a malhada das espigas. No que se refere ao canto, este era ocasionalmente usado para cadenciar o trabalho agrícola e estimular uma competição saudável nestas atividades quotidianas.

A criação dos grupos tornou-se de imediato um fenómeno importante e positivo para as suas freguesias e cidades, pois estas são projetadas e promovidas fora, devido às atuações dos grupos folclóricos em espetáculos, que por levaram à criação de concursos nacionais e internacionais. A projeção dentro do próprio país já é por si só de grande importância para as vilas e aldeias menos conhecidas, mas para os grupos folclóricos é também muito importante a sua internacionalização e participação em festivais internacionais, “não há rancho que não se orgulhe quando ouve o nome da sua terra ao microfone, e muitos referem que uma das suas principais alegrias é mesmo o facto de poderem levar até tão longe os costumes da nossa região” (Raposo, 2017).

“O atual Rancho Folclórico é o reflexo da caminhada de uma geração de homens e mulheres ruais, que não foram sorvidos pelo êxodo rural.” P.88 (Branco, Cultura e Folclorização em Portugal: o caso de Peroguarda, 2010). Os grupos folclóricos são desde sempre um meio inter e multicultural, com todos os ingredientes para atrair os mais jovens, onde para além de aprender a dançar, cantar e tocar algum instrumento, conhecem pessoas e aprendem muito sobre a nossa e outras culturas.

“Queixamo-nos de ser cultura de segunda, mas pouco contribuimos para ser mais um ramo da cultura [...] não tenhamos medo da reação do público, quando despimos o nosso trabalho da estilização exagerada. Isso poderá fazer parte de um trabalho de educação de quem assiste aos espetáculos de folclore.”

*Alípio Canaverde, citado por (Vasconcelos, 2001) (p.413).*

Sabe-se ainda, que a maior parte dos jovens que frequentam grupos folclóricos, participam, na sua grande maioria, por influência de familiares que pertencem ou pertenceram aos mesmos agrupamentos. No entanto, a existência de poucos jovens nestes grupos é um problema a vários níveis, cuja resolução esperamos poder contribuir com este trabalho. “Encontrar jovens que queiram dançar no rancho é a principal dificuldade destes grupos que ano após ano têm vindo a melhorar a forma como se apresentam” (Raposo, 2017).

Em Portugal estima-se a existência de mais de 2000 grupos de cariz folclórico e etnográfico<sup>23</sup>, existindo também inúmeras associações que agrupam os grupos folclóricos, ou seja, redes formais e informais que contribuem para criar boas relações entre as associações e os grupos, através das quais circulam convites para espetáculos, intercâmbios e colaborações, por vezes também de solidariedade social.

Reduzindo esta estimativa de 2000 associações em Portugal, no que se refere a Viana do Castelo, segundo a página oficial da Câmara Municipal de Viana do Castelo, existem “28 grupos folclóricos ativos, que representam o concelho, a sua cultura, a sua etnografia e a sua dança” (Castelo, 2019), grupos estes distribuídos pelas múltiplas freguesias do concelho.

### 2.3 – A experiência no meio folclórico

Desde muito jovem que a participação em atividades relacionadas com o folclore é ativa e bem presente até aos dias de hoje, nomeadamente através de grupos etnográficos e folclóricos, associações promotoras de festivais, assim como a colaboração ativa com festivais nacionais e internacionais de folclore de várias cidades.

O turista e o público já consideram os grupos folclóricos um contributo essencial para as cidades, por serem um meio de revitalização das tradições e de valorização da identidade cultural. Atualmente denotamos que o folclore começa a ser também um atrativo turístico, ou seja, é já utilizado como uma estratégia publicitária de atração à

---

<sup>23</sup> “Há em Portugal mais de 2000 associações culturais e recreativas de base local e regional que usam o adjectivo «folclórico» ou outros termos semanticamente aparentados para se designarem a si próprias. A maioria destes grupos dedica-se exclusivamente à figuração espectacular de danças e/ou cantares tradicionais, embora alguns trabalhem num domínio mais amplo do registo «etnográfico». Além dos cerca de trezentos ranchos folclóricos enquadrados na Federação do Folclore Português, contam-se centenas de outras agremiações espalhadas por todo o país. Trata-se de grupos constituídos por *amadores* — pessoas que amam o folclore mas que tiram o seu sustento de outras actividades. Centram-se com frequência na figura de um líder carismático e são, em geral, nula ou incipientemente burocratizados — muitos deles não possuem sequer existência jurídica.” – P. 402 (Vasconcelos, 2001).

cidade. O folclore deixa de ser um pertence apenas dos seus praticantes e amantes, para ser também oportuno para o poder público-privado, na gestão turística, o que traz também consequências positivas para todas as partes envolvidas. Atraindo turismo para as cidades, o folclore pode cumprir também a sua missão de promoção cultural, mas também para a sustentabilidade económica dos grupos folclóricos.

Nos grupos folclóricos existem “mais do que dificuldades financeiras, os ranchos deparam-se com dificuldades humanas” (Raposo, 2017), outrora tornava-se mais fácil convidar pessoas para participarem no folclore, não só pelo entretenimento mas também pelo convívio. Atualmente ou é o trabalho que impede, ou então o preconceito, “existe o peso dos comentários dos amigos: «o rancho é da aldeia» ou «o rancho é folheiro» (...) nalguns casos, assumem importância suficiente para que estes saiam dos ranchos” (Raposo, 2017). Para além do estigma associado, também as tecnologias acessíveis, como a consola de jogos, o telemóvel e o computador, vieram substituir as atividades comunitárias antes praticadas pelos mais jovens. Mas também existem jovens que continuam a gostar de perpetuar essas atividades comunitárias e que, segundo Vasconcelos (2001) vão permanecendo nos grupos folclóricos por vários motivos, como o gosto pela música, canto e dança; o convívio intergeracional e juvenil, onde há troca de experiências escolares e laborais; cria um modo de aproximação de gerações; e abre oportunidade de conhecer o país e o estrangeiro.

Em Portugal é notável o envelhecimento dos grupos folclóricos. A educação através da escola é parte fundamental no que diz respeito à sensibilização e conhecimento da área junto dos mais jovens, e atualmente algumas escolas colaboram com os grupos folclóricos e criam atividades de música e dança, contribuindo assim para cativarem os miúdos e jovens a integrarem nestes agrupamentos. Através da experiência que possuímos na participação e colaboração em festivais com grupos internacionais, sabemos que nesses agrupamentos folclóricos estrangeiros as faixas etárias já são relativamente mais baixas (20-30 anos). Não se conhece o motivo e os incentivos que justificam essa maior renovação, pois todos os grupos representam músicas, cantos e danças dos seus antepassados, apenas com ritmos e indumentárias muito distintas das nossas.

## CAPÍTULO III – A era contemporânea do folclore

“Com o folclore, as pessoas aprenderam a ouvir e a ver as cantigas e as danças executadas nos estrados. Está criado o espetáculo folclórico, que se desenrola em recintos ao ar livre ou fechados.”

(Castelo-Branco & Branco, 2003)

Folclore, morfologicamente, significa o conjunto de tradições e manifestações populares que provêm de mitos, danças e costumes que passam de geração em geração. Segundo Roberto Benjamim, em *O conceito do folclore*, a palavra vem do inglês *folklore*, na qual "...folk significa povo e lore saber. Assim, segundo o seu criador, a nova palavra significaria sabedoria do povo" (Benjamim). Este conceito é parte importante de um povo, pois representa a sua identidade, e para que este não se perca é necessário haver sempre alguém que seja capaz de transmitir estas manifestações de geração em geração, traduzindo-se na sociedade atual pelos grupos folclóricos, que normalmente nascem com o intuito de manter e preservar estas tradições populares.

Segundo Fonterrada, o folclore não é apenas uma forma de preservação de tradições, mas também arte<sup>24</sup>. É importante que também os cidadãos o comecem a considerar arte, pois os grupos folclóricos para além de representarem as ações do dia-a-dia são sem dúvida uma forma de expressão artística. Este veículo de cultura não é estático. A cada dia sofre evoluções, é figurativo, mas ainda assim a estilização acaba por ser uma condição "comercial" do mesmo. Quando falamos na era contemporânea, falamos sobre adaptar tradições às novas solicitações do público.

Quando falamos em contemporaneidade no folclore, falamos também de estilização, que se pode apresentar na indumentária, à qual devemos dar bastante atenção à época em que os grupos folclóricos se pretendem inserir, mas também à coreografia em cima do palco que pode ser estilizada, sem desrespeitar aquilo que é a tradição em si. "Depois, porque o «colorido», a «vivacidade» e a «alegria», que se supõe serem os atributos do folclore que os públicos dos espetáculos desejam ver, são predicados seletivos muito claramente acomodados à representação oficial e hegemónica da vida camponesa" (Vasconcelos, 2001). Se temos uma dança rica em passos, os pares têm capacidade de reproduzir a alegria que a mesma pretende transmitir ao público com as melodias e letras.

Muitas das danças apresentadas pelos grupos folclóricos, representam atividades do quotidiano, nas quais normalmente as pessoas que as praticavam cantavam, dançavam e riam em conjunto. A representação atual pretende mostrar ao público, não só a dança, mas também passar os sentimentos autênticos vividos nas atividades do dia-a-dia, através do sorriso e das expressões faciais de quem dança, trabalho que tem vindo a

---

<sup>24</sup> "O folclore não é objeto de interesse apenas da ciência, mas também da arte." (Fonterrada, 2008).

ser desenvolvido pelos grupos folclóricos e que tentam então passar ao público através de pequenos *sketches* teatrais.

### 3.1 – Casos de Estudo

Dos projetos estudados destacamos os trabalhos das coreógrafas Clara Andermatt e Filipa Francisco.

Segundo o *Público*<sup>25</sup>, Filipa Francisco e Clara Andermatt, juntaram-se para num projeto para fazer com a dança contemporânea entrasse no mesmo palco com o folclore, ultrapassando assim o complexo, ou o preconceito do folclore. Duas bailarinas de gerações distintas e reconhecidas na dança nacional trabalham juntas e de formas diferentes, Andermatt quase não toca na tradição e Filipa cria um encontro do novo mundo, do contemporâneo com as danças tradicionais.

#### 3.1.1 – O Vira como a Vida

Na Expo 94, em Lisboa, Andermatt começou por trabalhar com o folclore de Cabo Verde, foi então que pensou criar uma atividade idêntica para Portugal.

Por volta de 2009, o Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC) convidou Andermatt para criar um cruzamento do folclore e a sua dança tradicional. Trabalhou neste sentido com o Grupo Folclórico da Casa do Povo de Serzedelo e com bailarinos profissionais, baseando-se nas danças tradicionais. Decidiu chamar esta projeto de *O Vira como a Vida* e fez com que este fosse um espetáculo de rua itinerante.

#### 3.1.2 – Viagem

Já antes, a coreógrafa tinha criado *A Viagem*, um espetáculo criado com a referência a uma viagem de Francisco à Palestina, que fez com que a coreógrafa olhasse para o folclore de maneira diferente, interessando-se assim na criação de um projeto com

---

<sup>25</sup> Silva, Samuel (2012). A dança contemporânea ultrapassou o completo do folclore. *Público*. Acedido em 23 de setembro de 2019, disponível em: <https://www.publico.pt/2012/03/16/jornal/a-danca-contemporanea-ultrapassou-o-complexo-do-folclore-24194062>.

grupos folclóricos, começando de imediato a trabalhar com o Grupo Folclórico dos Riachos – Torres Novas, e em seguida com o Grupo Folclórico da Corredoura.

Para além da dança, também o teatro e a música se cruzam nesta iniciativa pluridisciplinar que integra juntamente espaços patrimoniais e museológicos. Neste espetáculo problematiza a forma como as manifestações populares aderem à modernidade, criando novos significados.

Neste projeto, a coreógrafa pretende levar o espetáculo a várias localidades, adaptando-se a cada sítio através da investigação sobre as suas danças, e variando também os grupos folclóricos participantes.

### 3.1.3 – Grupo Etnofolclórico “RENASCER” de Areosa

Para as comemorações do Dia Mundial da Dança, e para não ficar indiferente ao que o público começava a pedir, em 2017, este grupo juntou-se à Academia JADANÇA<sup>26</sup>, com a qual já colaborou bastantes vezes, e lhes propuseram criar um pequeno espetáculo no qual envolvesse um mútuo “desconforto na dança”, ou seja, o grupo folclórico dançaria uma dança folclórica com ritmos e músicas de danças de salão, e os bailarinos de dança de salão criariam uma coreografia para uma música do grupo folclórico em questão.

Em pouco tempo, mais precisamente uma semana, ambos conseguiram mostrar a capacidade de levar isto a um pequeno público, na Sociedade de Instrução e Recreio Social Areosense – SIRSA em Areosa, Viana do Castelo, com desejos de mais tarde chegar ao Centro Cultural de Viana do Castelo.

---

<sup>26</sup> “A Academia JADANÇA pretende divulgar todas as atividades da nossa Associação, referentes a formação de dança, festas, convívios e outros eventos, através de imagens, textos e vídeos. A JADANÇA é uma realidade que surgiu ao longo destes últimos anos, após um período longo de formação com muita experiência em dança, quer a nível social quer na vertente competitiva. Esta escola de dança nasceu em Julho de 2007, com um nome extremamente original, que em origem na base dos nomes dos fundadores desta associação JA (de João e Alcina) DANÇA porque nesta academia toda a gente dança bem em muito pouco tempo e com muita paixão...” (JADANÇA, s.d.).

Mais ainda podemos dizer sobre espetáculos distintos que este grupo tem apresentado, numa apresentação na Galícia, no norte de Espanha, o GERA homenageou o fundador falecido de um grupo galego, dançando ao som das gotas galegas uma coreografia própria. Uma mistura inesperada por parte do público que foi bem recebida, visto o grupo ser do norte de Portugal e ter em algumas danças com influências da Galícia, fez bastante sentido esta combinação de sons e danças distintos.

Ao público, este grupo tem apresentado sempre coisas diferentes, e formas dinâmicas de se apresentar em palco com as danças folclóricas, o público já por si só vai pedindo coisas díspares em cima do palco, e não apenas dançar, agradecer, apresentar, dançar, agradecer, apresentar... A ideia pré-concebida por muita gente, no que respeita aos espetáculos de folclore. Assim já não é um espetáculo, e no folclore começa muito simples a dinâmica, se os grupos conseguirem criar um espetáculo de 10 minutos em que não param de dançar e o público não para de olhar. É o mais contemporâneo que o folclore até então conseguiu fazer sem qualquer apoio coreográfico.

#### 3.1.4 – Escola de Dança: Arte em Movimento – AEM

Como habitantes da cidade de Viana do Castelo e defensores das tradições populares, é sempre com muito orgulho que vemos novos projetos que surgem com a envolvimento dos grupos folclóricos. Foi no passado dia 11 de maio de 2019, que a Arte em Movimento<sup>27</sup>, apresentou ao povo vianense no Centro Cultural de Viana do Castelo um desfile pela principal avenida da cidade (recriando os variados desfiles que a cidade recebe), seguido de um espetáculo onde todos os bailarinos se trajaram a rigor e também onde juntou o tradicional e folclórico ao contemporâneo, através da música e da dança.

---

<sup>27</sup> “Inspirada pelo desassossego do corpo em movimento que a dança representa, surgiu a Associação Cultural Artística ARTE EM MOVIMENTO, em Setembro de 2010. Na sua origem esteve uma jovem que, enfeitiçada pela dança e pela força das suas ideias, quis desenvolver a cultura hip-hop no Concelho de Viana do Castelo. A recente Associação então formada pretende identificar, promover, criar e divulgar a Dança, empreender formação no mesmo âmbito, e promover culturalmente o Concelho de Viana do Castelo.” (Arte em Movimento, s.d.)

Na sua página de *facebook* da AEM<sup>28</sup>, a 16 de maio de 2019, a coreógrafa escrevia:

*Não sou adepta de multidões nem de caminhar em bando. Demasiada agitação faz com que eu recue. Nunca antes percebi as horas de calor abrasivo que uma mulher esperava coberta por um "traje" que pesa kilos só para descer uma avenida e desfilar. Sim. Essa fui eu até ter entrado neste desafio! Quis entender... Perceber... E Sentir! Em primeira mão e bem de perto!*

*Oh UNIVERSO!! Que percurso longo...de estudo...de compreensão...e sobretudo de emoções! "Não Sue... Esta saia não pode ser com este avental;," "O que? Desfilar sem brincos?"; "Esta camisa não é das lavadeiras"; "Esta saia esta demasiado curta"!! Mas onde me fui eu meter afinal?!? Nervos á flor da pele. Que dificuldade em conseguir tudo de forma exímia e perfeitamente adequada!*

*Até que chegou o dia do ensaio com todos vocês trajados! Recordam-se?*

*DESABEI EM LÁGRIMAS. Nunca vou por palavras conseguir explicar o que senti. Jamais imaginei ser invadida por uma ENERGIA que em momento algum na vida me sucedeu. A ENERGIA DAQUELE TRAJE É ALGO QUE NG EXPLICA! MAS QUE FINALMENTE SENTI... Oh Sue tanto para aprender ainda na vida!!!!*

*Que ORGULHO senti quando vos vi desfilar pela avenida... Entrar naquele palco, cheios de "CHIEIRA"... Finalmente entendo o significado desta palavra!*

*Sentir 'chieira' é sentir a tradição. A mistura das cores, o ouro e poder transportar esse orgulho em ser vianense para bem longe!*

*Não sou de gema...mas finalmente me sinto como tal! Ansiosa pela melhor romaria do Universo! Nem estou certa de aguentar com tantas emoções. Mas vou! Quero VIVER tudo... Do início ao fim...mesmo debaixo de 40C°! (...)*

Conseguimos perceber através destas palavras, que realmente se começa a valorizar esta arte tão importante que nos representa, o folclore. E consideramos ainda a colaboração com a AEM um fator importante para a nossa proposta, pelos bailarinos conhecerem de perto, assim como os componentes dos grupos folclóricos, as emoções que um folclorista sente com o traje vestido e em cima do palco.

---

<sup>28</sup> Texto completo e vídeo do espetáculo disponíveis em: <https://www.facebook.com/watch/?v=614707492381787> (Acedido em 16 de Setembro de 2019, 15h45m).

### 3.2 – O projeto

Por experiência, denotamos, com o passar do tempo, um menosprezo cada vez maior por parte da sociedade em geral em relação a esta prática. Sabemos que os grupos folclóricos, desde à muito que resistem a uma notável falta de praticantes, principalmente entre os mais jovens, um grupo etário com interesses distintos.

É neste sentido que criamos uma proposta de projeto como forma de dar resposta ao “problema” relativo à pouca adesão de jovens a estas áreas, dinamizando, atualizando e perpetuando o folclore português, promovendo-o junto das artes contemporâneas, enquanto forma de partilha de conhecimentos. Para tal achamos importante aliar as tradições minhotas, nomeadamente a música e a dança, à contemporaneidade como forma de partilha e atualização, mas também como forma de atração de outros públicos.

Devemos antes de mais procurar se já existem projetos e artistas que trabalhem ou que já tivessem trabalhado a área no mesmo contexto, ou seja, o folclore aliado a contextos das artes contemporâneas. Encontrámos duas coreógrafas com espetáculos que serviram de referência e objeto de estudo, nomeadamente Clara Andermatt e Filipa Francisco, e também o tocador de cavaquinho, Daniel Pereira Cristo. Para além dos coreógrafos a visualização e análise de material gráfico sobre os trabalhos por eles elaborados foi também parte importante para a preparação do nosso projeto.

Trazemos também, como projetos modelo, “A Música Portuguesa A Gostar Dela Própria”<sup>29</sup> e “A Dança Portuguesa A Gostar Dela Própria”<sup>30</sup>, projetos de Tiago

---

<sup>29</sup> A Música Portuguesa a Gostar Dela Própria é uma associação que, desde 2011 trabalha com o realizador Tiago Pereira, tem vindo a consciencializar “...para o conhecimento e a importância de um património vivo e muitas vezes esquecido de tradição oral, cantigas romances, contros, práticas sacro-profanas, músicas, danças e também gastronomia” (A Música Portuguesa a Gostar Dela Própria, 2018).

<sup>30</sup> É um projeto que “...assume uma visão descomprometida, integrando danças de raiz tradicional portuguesa, com ranchos e outros grupos de bailadores, protagonistas na perduração de práticas coreográficas tradicionais, mas também danças tradicionais de outras paragens, urbanas e contemporâneas...”. É também objetivo deste projeto desconstruir e resgatar a dança e a música tradicional, fundindo posteriormente com outros elementos da contemporaneidade, de forma a criar matéria mais apelativa e de fácil acesso a vários públicos. Pretende ainda provocar uma “...reflexão sobre o papel que a Dança tem enquanto ferramenta de encontro identitário, de valorização de saberes tradicionais, de expressão do Eu e de reconhecimento e encontro com o Outro.” (PéDeXumbo, 2016).

Pereira<sup>31</sup> que promovem a área da cultura popular, utilizando de forma exemplar os meios tecnológicos contemporâneos e a internet, acessíveis e muito disseminados.

Numa primeira fase, definimos **elementos essenciais** para o desenvolvimento do projeto, no que toca à seleção dos grupos folclóricos e dos artistas, através de critérios de seleção, e não devemos descartar o estudo de casos estudo, para a criação da programação do projeto.

Para além dos projetos e artistas, devemos perceber junto dos grupos folclóricos, se há interesse no conceito global do trabalho que nos propomos desenvolver, e se eles próprios já participaram em projetos com a mesma finalidade e se revelam interesse em participar. A partir daí, devemos definir os critérios de seleção para assim podermos escolher os grupos folclóricos que poderiam participar no projeto. No decorrer deste trabalho percebemos a importância que este tipo de projetos têm para os grupos folclóricos que trabalham para defender as suas tradições nacional e internacionalmente, como um caminho de atualização, de valorização e também de possível atração de jovens para integrarem este tipo de associações, assim como o desenvolvimento de novos públicos.

Em Viana do Castelo existem atualmente 28 grupos folclóricos ativos, que representam cada uma das suas freguesias e o concelho de Viana do Castelo, assim como a sua cultura, etnografia e danças. De entre os vários grupos pretendemos selecionar alguns para perceber se existe interesse e se consideram importante e pertinente a diversificação das danças folclóricas, como forma de criar novas formas de expressão, mas também atendendo à atual exigência do público.

Para a seleção dos grupos folclóricos a participar devemos primeiramente decidir o número mínimo e máximo de grupos que possam integrar o projeto. Este deve ser um projeto de colaboração e cooperação entres os grupos participantes, no entanto não se poderão correr muitos riscos nesta escolha, por já existir alguma rivalidade entre as várias freguesias e os vários grupos das mesmas, podem haver motivos para criação de conflitos entre eles. Como forma de superar os mesmos, propomo-nos selecionar um

---

<sup>31</sup> Tiago Pereira é diretor artístico, realizador, documentarista e visualista. Venceu o Prémio Megafone em 2010, tem desenvolvido um estilo único de documentário, onde recolhe e mistura imagens em movimento. Disponível em: (A Música Portuguesa a Gostar Dela Própria, 2018).

número reduzido de cinco a seis grupos que já colaboraram anteriormente e que sabemos ter boa cooperação.

Nos **critérios de seleção** criados devemos entender se existem experiências anteriores com artistas de música e dança contemporâneos, a idade média dos grupos, se são grupos mais jovens podem estar mais aptos a criar e a participar em projetos novos, no entanto, se são grupos mais antigos, possivelmente têm tradições mais “resistentes” e devemos tentar integrar em novas colaborações e projetos, a faixa etária atual dos membros, deve ser mais alta, pois o objetivo do projeto é baixar, sem descartar grupos mais jovens porque contribuem para entender e criar processos de angariar jovens para os restantes grupos, assim como o número de atividades e atuações ao ano pode influenciar a cooperação no projeto, dependendo também do tipo de participações que fazem.

Tal como já referido, os grupos folclóricos são compostos maioritariamente por pessoas com idades compreendidas entre os 30 e os 60 anos. Pretendemos rejuvenescer estes grupos, contribuindo para baixar a faixa etária. Consideramos que esse trabalho deveria partir não só dos grupos folclóricos, mas também das famílias, escolas, instituições e outros organismos públicos ou privados.

Para a concretização deste trabalho e para criarmos com este projeto o interesse suficiente pela área do folclore e das tradições, selecionamos os coreógrafos também por critérios previamente definidos onde foram essenciais os projetos anteriormente desenvolvidos e as áreas de dança que praticam, com os grupos também previamente estudados pelos projetos nos quais já colaboraram.

No que respeita aos **coreógrafos**, devemos conhecer projetos documentados, sobre os quais fizemos uma breve análise. Para além de coreógrafos com uma reputação já afirmada e com aceitação do público, pretendemos ainda incluir as escolas de dança do distrito no projeto, por alguns membros conhecerem mais de perto as tradições da nossa cidade e já terem colaborado também em projetos similares.

Numa **programação** especialmente criada para este projeto, na qual juntamos os artistas e os grupos folclóricos para cumprirem o programa geral, devemos ter em vista o incentivo dos mais jovens, mas também o cruzamento de públicos e experiências.

Através de vídeos de promoção do projeto, onde os grupos e os artistas fazem uma primeira experiência para captar a atenção do público jovem a assistir e participar na programação proposta. Com o fácil acesso, hoje em dia, às redes sociais, é este o primeiro passo para publicitar o projeto e envolver a comunidade. Dever-se-á também ir às escolas apresentar e incentivar os estudantes a participar nas diversas atividades do projeto com base em temáticas sustentadas do meio folclórico, como a “algibeira”<sup>32</sup>, a “filigrana”<sup>33</sup>, a “desfolhada”<sup>34</sup>, entre outras.

Para além de atividades de *workshops* em que os jovens podem entrar em contacto com os artistas e os grupos folclóricos, podendo interagir com as indumentárias e também com os instrumentos, aprender a tocar e a dançar, incluímos na programação deste projeto um espetáculo final conjunto com os grupos folclóricos participantes, jovens e artistas, na qual o público poderá ver o trabalho todo desenvolvido.

Juntando uma série de **características** de modo a criar algo diferenciador, produzimos algo inédito na cidade de Viana do Castelo que junta as tradições folclóricas com as artes contemporâneas. Um projeto que pode ser implementado em vários territórios fazendo com que suscite interesse na integração dos grupos assim como dos jovens. Podemos trabalhar através de protocolos criados com os grupos folclóricos, escolas de dança, escolas básicas e secundárias, e existe uma possível envolvimento de Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS), para se integrarem não só os jovens nos

---

<sup>32</sup> “A algibeira é talhada em flanela vermelha, azul, verde ou preta em forma dita de “coração”. A zona central da “boca” é sempre veludo preto. Todavia, os tecidos de base quase não se percebem devido ao excesso de decoração bordada, onde abunda o emprego de missangas. Pode também ter um bolso interior, o “segredo. No bordado da algibeira é vulgar encontrarem-se palavras como “AMOR” ou “VIANA”, letras ou algarismos. (...) Esta preciosa algibeira usa-se do lado direito do corpo, semitapada pelo avental. A algibeira é outra das peças do Traje à Vianesa (...)” (Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2017).

<sup>33</sup> “A origem da filigrana remonta ao terceiro milénio antes de Cristo, na Mesopotâmia. (...) Enquanto que na vizinha Espanha a tradição da filigrana se foi perdendo, em Portugal foi-se apurando. A partir do séc. XVII, a filigrana portuguesa já tinha um imaginário próprio e moldes muito diferentes de qualquer outra filigrana. (...) No Minho, a filigrana continua a estar associada a uma larga tradição: os “trajes de domingar”. O traje minhoto feminino é sempre complementado com diversas peças de ouro, incluindo colares e brincos que passam de geração em geração.” (História da Filigrana Portuguesa, 2019).

<sup>34</sup> “Antigamente, as desfolhadas ocorriam, nas eiras, onde homens e mulheres, se juntavam à noite, após um duro dia de trabalho no campo, para tirar o milho. Para lembrar este ambiente que se vivia nas desfolhadas um pouco por todo o Minho, dezenas de homens, mulheres e jovens, com vestes de tempos de outrora (...)” (Vilhena, 2017) arregaçam mangas e desfolham as espigas, recriando tempos antigos.

grupos folclóricos, como também os jovens de IPSS's serem integrados na sociedade em geral. Sabe-se que a participação em grupos folclóricos é um grande passo para a integração na sociedade.

A envolvimento dos grupos folclóricos com artistas contemporâneos é também importante para a promoção dos mesmos, pois alguns artistas são reconhecidos por outros trabalhos realizados, e o trabalho em conjunto traz oportunidades para outros projetos assim como para os coreógrafos que lhes traz reconhecimento por parte de quem participa.

Com uma **equipa de trabalho** composta pela direção e gestão do projeto tendo o apoio de um Gestor Artístico e Cultural e diretores ou ensaiadores de um ou dois grupos folclóricos, para manter a credibilidade das tradições que estes defendem. Os artistas trabalham com os elementos dos grupos folclóricos e com a Escola de Dança para criarem o programa a apresentar nas escolas e ao público.

Para além da direção e dos artistas, precisaremos ainda de equipas responsáveis pela comunicação, que devem planejar toda a divulgação do evento, gerir as páginas de divulgação digital do projeto bem como a produção de materiais gráficos; e pela administração e financiamento, que têm como função entrar em contacto com patrocinadores e parceiros e desenvolver e gerir o orçamento e financiamento necessário para o desenvolvimento deste projeto.

Como **parceiros** do projeto podemos inicialmente identificar o grande parceiro distrital, a Câmara Municipal de Viana do Castelo (CMVC), que poderá suportar boa parte das despesas estimadas, por ser a principal entidade com interesse na atividade, por esta promover para além do folclore todas as atividades desenvolvidas pelos grupos folclóricos da cidade, que por sua vez publicita também a cidade nacional e internacional. A CMVC, por sua vez, conta com a colaboração da Viana Festas e da Associação de Grupos Folclóricos do Alto Minho (AGFAM), duas associações colaboradoras entre si e com os vários grupos folclóricos da cidade de Viana do Castelo e das suas atividades. A Agenda Cultural da CMVC é uma das principais formas de divulgação do projeto na cidade e na internet, pois este chega a muitas instituições e associações, que podem até mostrar algum interesse na colaboração e participação no programa.

No que respeita aos media, pretendemos contactar para parceiros a Rádio e TV Locais, nomeadamente a Rádio Alto Minho e a TIVC - Televisão Independente de Viana do Castelo, para cobrirem o evento. Todos estes são desde sempre colaboradores assíduos dos vários eventos de todas as áreas artísticas e atividades ocorridas em Viana do Castelo.

Para impressão do material gráfico, deverá ser desenvolvida uma parceria com a Gráfica da Casa dos Rapazes, uma IPSS, cujos internados poderão também participar nas nossas atividades. Esta instituição pode apoiar-nos na impressão de alguns cartazes e *flyers* para distribuir pela cidade e por escolas.

Para a estadia dos coreógrafos e artistas, poderá ser solicitado o apoio do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC), através da cedência de alguns quartos numa das suas Residências de Estudantes, e que colabora várias vezes com eventos idênticos, ou o apartamento de uma das escolas do mesmo instituto, que tem capacidade até oito pessoas, com todas as condições para receber estes artistas na duração do projeto. Ainda através do IPVC pretendemos contactar os Serviços de Ação Social (SAS) para conseguirmos um preço adaptado para as refeições dos nossos artistas, e também dos jovens participantes nas atividades do projeto.

O pedido de apoio à INATEL e à Federação do Folclore Português está também previsto por ambos os organismos apoiarem atividades no âmbito do folclore. Depois de os referirmos no primeiro capítulo e por conhecer os trabalhos que os organismos apoiam e as atividades que criam, estes devem ser incluídos no projeto, podendo apoiar financeiramente e com espaços.

Todos os parceiros e patrocinadores que apoiem este projeto terão o seu logotipo nas Redes Sociais Oficiais criadas para a promoção do projeto, através de um estudo realizado pelo departamento de Comunicação. Os grandes parceiros terão o seu nome e logotipo no cartaz e *flyers* de promoção do projeto. Os restantes parceiros e patrocinadores terão a oportunidade de colocar *roll-up's* nos espaços onde o projeto poderá vir a decorrer.

No que respeita à **comunicação**, este projeto conta com o apoio de uma rádio e a televisão local, como já referido, serão dois dos nossos parceiros media, que acompanharão todo o avanço do projeto. A Rádio Alto Minho será a principal forma de comunicação do projeto, é através da rádio que serão feitas algumas entrevistas com os promotores e parceiros do mesmo. O Jornal Aurora do Lima receberá também as notícias sobre o avançar deste projeto. A primeira apresentação deste projeto será feita,

para além do vídeo nas redes sociais, também através das Rádios e TV que nos apoiam, posteriormente nas escolas básicas e de dança.

Quanto à assessoria de imprensa, serão enviados conteúdos para os seguintes jornais: Foz do Lima, Amanhecer das Neves; Jornal Alto Minho e Notícias de Viana. E em relação ao plano de meios, a escolha é direcionada para o Semanário do Alto Minho e para o Falcão do Minho, pelo facto de ambos abrangerem uma maior área geográfica e também por serem dos mais conhecidos na cidade e na região. Será nestes dois jornais que alguns dos nossos patrocinadores terão a retribuição do seu patrocínio. Os anúncios serão enviados antes do evento, de forma a assegurar o patrocínio, uma vez que falados nos conteúdos iniciais estará assegurado o nome deles ao longo do projeto.

Relativamente ao **marketing** é pretendido que o Designer Gráfico crie três tipos de *flyers* e três tipos de cartazes, nomeadamente para as escolas, para os grupos folclóricos se promoverem e para os coreógrafos e artistas também poderem promover o projeto, podendo assim atingir públicos diversificados. O *mupi* deve atingir um número maior de público.

Os cartazes e *flyers* devem conter o nome do projeto, quando, onde e o que acontece, a quem se destina, assim como os principais parceiros, nomeadamente o logotipo da CMVC, RAM - Rádio Alto Minho e TIVC. Pedimos também que o *designer* crie a imagem do projeto para as Redes Sociais a escolher, depois do estudo elaborado para redes sociais, ou seja a Imagem de Perfil e as Imagens de Capa (antes, durante e depois do projeto).

As **instalações** escolhidas para receber este projeto serão a Praça da Liberdade de Viana do Castelo (espaço ao amplo ao ar livre) e o Centro Cultural de Viana do Castelo (espaço amplo coberto). Estes dois muito perto um do outro, tendo CCVC ótimas condições por ser um pavilhão multiusos, preparado para receber espetáculos de música, dança, atividades desportivas e também exposições e mostras. O mesmo espaço já dispõe de camarins, equipamento técnico, som e luzes, segurança e limpeza, o que poderá ser uma boa escolha de espaço para a realização de todo o projeto com os artistas, as escolas de dança, os RF e os jovens de todas as escolas envolvidos.

Sabemos que a participação e a organização de projetos diferenciadores de cariz folclórico e contemporâneo é tão importante para estes grupos folclóricos como a participação num espetáculo da cidade. É pretendido com este trabalho que os grupos folclóricos desmistifiquem, o estereótipo que os mais jovens têm em relação aos mesmos, colaborando assim com as áreas mais interessantes da cultura contemporânea.

### 3.3 - Questionários aos RF:

Com o objetivo de perceber se existe algum interesse na participação em projetos com as características apontadas, criámos um questionário onde pedimos a opinião sobre o assunto estudado para conseqüentemente termos a perceção se conhecem projetos idênticos ou se os próprios grupos já criaram atividades ou eventos similares à proposta, conseguindo desta forma obter reações por parte dos grupos folclóricos e conseqüentemente entender se existe ou não abertura na participação num futuro projeto. Achamos importante conhecer principalmente a idade dos inquiridos e o género, por termos recolhido opiniões de componentes mais jovens e menos jovens, de faixa etária bem como de longevidade no meio folclórico.

Numa primeira leitura dos questionários decidimos guiar a nossa análise de acordo com três temáticas abordadas nas perguntas, nomeadamente a falta de jovens nas atividades folclóricas, os projetos realizados e a envolvência com outras artes e o apoio dos media.

Nas duas primeiras questões encontrámos palavras-chave que nos explicam alguns dos motivos pelos quais se torna difícil cativar os jovens para estas atividades. Recolhemos o estereótipo, preconceito do qual os jovens sofrem e são por vezes chamados de 'parolos' por participarem nas atividades folclóricas, sobre o qual um dos inquiridos diz que "...preferem esconder que dançam, tocam ou cantam nestes grupos, ou

simplesmente abandonar e não se interessarem”<sup>35</sup>. Também as novas tecnologias são apontadas como uma das causas que afasta atualmente os jovens das suas raízes, tornando-se uma dependência e uma distração completa para o que os rodeia. Para o folclore também é “um pouco difícil ‘competir’, saudavelmente, com as festas”<sup>36</sup> que os jovens gostam de frequentar, com músicas ao gosto deles, pelo simples facto de os grupos folclóricos não oferecerem nada de inovador.

Podemos considerar que novas atividades e projetos podem ser uma fonte de passagem de testemunho, ou neste caso, de identidade e tradições de geração para geração, através de uma aliança e cooperação com aquilo que é atual, com outras modalidades da dança ou da música.

De sublinhar é também a opinião de um dos inquiridos que nos revela que “...visto a própria sociedade e municípios não darem o valor suficientes aos nossos costumes e tradições”<sup>37</sup> também os jovens seguem esse exemplo, visto Viana do Castelo ser considerada a capital do folclore<sup>38</sup>, a importância dada a esta área deveria ser muito maior.

Quando questionámos sobre a cooperação anterior com artistas contemporâneos neste âmbito, a maioria das respostas são negativas, apontando outros projetos com uma menor dimensão a nível social. Mas no que cumpre a uma possível colaboração no mesmo âmbito de atividades, a resposta é positiva. Por acharem o trabalho destes agrupamentos monótono<sup>39</sup>, a positividade para criarem coisas inovadoras e tornarem-se multifacetados, torna-se também uma mais-valia para o folclore e para as artes

---

<sup>35</sup> Conferir Questionário número 4 disponível em Anexo 1.

<sup>36</sup> Conforme o Questionário número 7 em Anexo 1: “É realmente um pouco difícil “competir”, saudavelmente, com as festas ... do gosto da juventude, mas isto também porque os ranchos folclóricos estagnaram de certa forma no tempo, e mantêm o mesmo espetáculo ao longo dos anos”.

<sup>37</sup> Conferir Questionário número 3 disponível em Anexo 1.

<sup>38</sup> “O património cultural popular vianense é o que mais diferencia Viana do Castelo de outros municípios. A variedade etno-folclórica, que se exprime na opulência e diversidade dos trajes, na riqueza dos ouros, na vivacidade do folclore, na originalidade do artesanato, na variedade da gastronomia e na alegria das suas vibrantes romarias, fazem de Viana do Castelo uma terra fiel às tradições e entronizam-na como capital do folclore português.” (Viana do Castelo - Tradição e Modernidade, s.d.).

<sup>39</sup> Conforme o Questionário número 5 em Anexo 1 sabemos que os “ranchos/grupos folclóricos (ainda uma grande parte) estagnaram no tempo e não inovam nos seus espetáculos”.

cooperantes na diversificação desta área<sup>40</sup>. Retirámos ainda de um questionário que é importante e essencial a mudança<sup>41</sup>, para apelar ao público uma continuidade de assistência a espetáculos folclóricos.

O inquirido do questionário 6 refere que os jovens devem “perder” um pouco do seu tempo a assistir a espetáculos, de forma a ganhar um outro ponto de vista, acabando por reconhecer que não viam o folclore daquela maneira. Considerámos que afinal não perdem apenas tempo, mas ganham cultura e interesse sobre a matéria. Mas para tal acontecer, é preciso chamar à sua atenção para tudo aquilo que o folclore dá a conhecer.

No que respeita aos *media*, as respostas revelam-nos que “...tal como os jovens rotulam o folclore como “parolo” e talvez a cooperação entre o folclore e outras artes possa catapultar novamente o folclore”<sup>42</sup>. Percebemos que os meios de comunicação pouco apoiam ou até menosprezam as atividades folclóricas, porém, se começarem a surgir projetos distintos, com artistas reconhecidos, esta situação possa ter uma reviravolta<sup>43</sup>, porque “quer queiramos, quer não, o folclore é uma arte, e como tal deve ser respeitada”<sup>44</sup>. É através deste meio que devemos “...fazer ver que o folclore é muito mais que um rancho a atuar, um grupo a mostrar trajes, o folclore é uma união de culturas”<sup>45</sup> que deve ser respeitada por todos e pode ser um trabalho feito a partir dos *media*.

---

<sup>40</sup> Conforme o Questionário número 3 em Anexo 1 “Sendo para nós (grupo folclórico) uma boa experiência, também é para o próprio público que vê que podemos estilizar os próprios espetáculos de folclore, introduzindo novas técnicas de dança e nunca saindo da “linha” do folclore”.

<sup>41</sup> “...Por achar que nesta área a constante mudança (q.b.) é importante, porque senão também para o público que nos acompanha ver sempre o mesmo espetáculo cansa, e é essencial quebrar espetáculos e fazer coisas novas”. Disponível em Anexo 1 no Questionário número 4.

<sup>42</sup> Conferir Questionário número 5 disponível em Anexo 1.

<sup>43</sup> “Considero que, se existir uma novidade na área do folclore, talvez para a televisão seja de tal impacto que mostre ao público novas formas de folclore e seja o pontapé para atrair mais gente e mais jovens para os grupos folclóricos.” (Disponível em Anexo 1 no Questionário número 2).

<sup>44</sup> Conferir Questionário número 7 disponível em Anexo 1.

<sup>45</sup> Conferir Questionário número 6 disponível em Anexo 1.

O inquirido 9 apresenta-nos respostas um pouco contraditórias em relação aos restantes, é de notar quando refere que as colaborações com artistas contemporâneos podem vir a tornar-se “perigosas”, porque mais tarde, quando a sociedade olhar para trás pode pensar se realmente seria assim o folclore<sup>46</sup>. Por isso devemos direcionar bastante atenção no que respeita a esta situação, e em qualquer evento ou atividade, podemos e devemos inovar, mantendo sempre uma linha fiel à tradição.

Na última questão, na qual pedimos outros comentários sobre o assunto, não obtivemos resposta de todos os inquiridos, no entanto surgem possíveis propostas à resolução da questão principal da fraca adesão dos jovens. Visto a adesão às novas tecnologias ser maior, podemos tentar atrair a atenção dos adolescentes através de uma aplicação que envolva história, música, canto e jogos sobre o folclore. Também através da educação<sup>47</sup>, porque o folclore é história, e conta a história dos nossos antepassados, trabalhando artisticamente a forma como o povo se comportava em ocasiões de trabalho, como a desfolhada, e também como se divertia em ocasiões de festa, ou quando ia e vinha da romaria.

Concluimos assim que, se torna fundamental o trabalho contínuo de dar uma maior visibilidade àquela que é uma arte que revela também a nossa identidade cultural, ao folclore e aos grupos folclóricos, com projetos que façam a união entre o tradicional e o contemporâneo. A formação dos grupos folclóricos fez com que os interessados falassem com a população mais idosa, de modo a aprender as danças e cantigas das suas localidades, é neste sentido que os jovens podem participar mais ativamente nas atividades relacionadas e mostrarem interesse em aprender sobre esta matéria por onde muitos dos seus antecessores passaram. É de extrema importância não deixar que os grupos folclóricos se percam no tempo ou fiquem estagnados, e imprescindível a cooperação dos jovens em manter estas tradições com a capacidade de passarem o testemunho para as gerações futuras.

---

<sup>46</sup> “Acho perigoso fazer muitas colaborações assim porque daqui uns anos, vamos pensar que esse tipo de espetáculo é/era o folclore ou tradição.” (Disponível em Anexo 1 no Questionário número 9).

<sup>47</sup> “Se desde cedo fossem implementadas nas escolas algumas atividades de cariz etnográfico e folclórico, desde cedo também as crianças e os jovens aprendiam a respeitar o folclore e também a aceitar os colegas praticantes dessa atividade.” (Disponível em Anexo 1 no Questionário número 4).

## CONCLUSÃO

Neste trabalho procurámos pesquisar e entender a fraca adesão de jovens aos grupos folclóricos em Portugal, onde foi exposto o problema na região do Alto Minho, mais especificamente a cidade de Viana do Castelo. Uma vez que a intenção deste trabalho se foca em suscitar o interesse dos jovens pela área e pelas tradições folclóricas, no sentido de os integrar nos grupos folclóricos da cidade de Viana do Castelo. É ainda objetivo conseguir que os grupos folclóricos de Viana do Castelo se assumam como pioneiros deste e de novos projetos.

Segundo Ferrão, até finais dos anos 30 a palavra “rancho” era utilizada para nomear um grupo de trabalhadores que desempenhava labores agrícolas em quintas<sup>48</sup>. Quando tinham festas, os caseiros solicitavam aos seus trabalhadores que fizessem participações para animar os serões com fatos antigos. A partir de então começaram a surgir os atuais “ranchos” ou grupos folclóricos, grupos de pessoas que apresentavam os cantares e as danças com os trajes antigos das suas terras. Existiram desde sempre muitos altos e baixos no que toca aos grupos folclóricos, mas apenas nos anos 60, estes se começaram a estabilizar.

Usar o folclore como elemento de estudo torna-se a cada dia mais importante, para se entender e preservar as tradições que contam a nossa história. Em Viana do Castelo, foi a partir de 1990 que os emigrantes se interessaram em começar a “recriar tradições”, levando assim os nossos trajes e a nossa identidade, que os moldou enquanto indivíduos, antes de emigrarem para as novas terras. Ao mesmo tempo que matavam “saudades”, vocábulo tão português, recriavam as tradições natais. Nessa pesquisa, descobrimos uma aldeia na Indonésia onde ainda se dança o “vira” e canta em português<sup>49</sup>. Por muito que a população residente tentasse impor uma nova identidade aos emigrados, os portugueses conservaram a sua identidade de origem, e continuaram

---

<sup>48</sup> “... Constatamos que, até finais dos anos 30, a palavra “*rancho*” vinha sendo utilizada para identificar o grupo de trabalhadores que desempenhavam tarefas agrícolas por conta dos proprietários das quintas para quem trabalhavam.” (Ferrão).

<sup>49</sup> “Quando os holandeses conquistaram a cidade de Malaca a Portugal, em 1641, escravizaram os sobreviventes portugueses e os seus descendentes que viviam nesta cidade malaia. (...) Em Jacarta, os holandeses esforçaram-se por eliminar as marcas culturais portuguesas que estes escravos traziam (...) Apesar dos esforços feitos pelos holandeses no sentido de levar esta gente a perder a sua identidade própria, ela conservou-a até aos nossos dias, teimosamente.” (VxMag, 2016).

a cantar e dançar como os grupos folclóricos do país natal. Certamente que as gerações futuras irão aprender a identidade do país dos seus progenitores, por muito que esse não seja o seu país de nascimento, e assim manter viva a cultura portuguesa ao longo do anos.

Por volta do ano 2000, nas festas da cidade de Viana do Castelo, as comissões organizadoras começaram a rejuvenescer, envolvendo assim população mais jovem nas tradições e ligando-os ainda aos grupos folclóricos e às suas danças e músicas. Escrevia o jornal *O Público*, em 2002, que a romaria do século XXI envolvia mais jovens, estudantes que usufruíram do tempo livre para trabalhar sobre a cultura das suas terras<sup>50</sup>. No entanto, assistimos a uma decadência neste aspeto, nas festas da cidade onde todos os anos há uma grande multidão, já não se circunda de tantos jovens.

Definimos logo à partida deste trabalho alguns objetivos que pudessem ir de encontro às características do projeto a desenvolver, e suportassem assim o foco principal deste trabalho. Pela forte ligação ao folclore, desde muito cedo, entendemos o quão importante é manter vivas as tradições dos nossos antepassados, e só quem conhece pode entender que a continuidade dos grupos folclóricos, que lutam para manter vivas as nossas tradições. Denotámos com o passar dos tempos a existência de uma menor adesão da juventude a estes agrupamentos, no entanto os componentes destas associações só têm vantagens, tal como nos revela Vasconcelos, sobre conversas que teve com elementos de grupos folclóricos:

(...) O rancho enquadra e permite desenvolver o gosto pela execução musical, pelo canto e pela dança; proporciona um espaço local de convivialidade intergeracional e juvenil que de algum modo contraria a dispersão sócio-cultural estimulada por factores como a escolarização diferenciada e a diversificação da oferta de destinos laborais e de estilos de vida; constitui uma arena de aproximação entre rapazes e raparigas aceite pelas respectivas famílias; abre oportunidades de viajar gratuitamente pelo país e ao estrangeiro.

---

<sup>50</sup> “E dão todo o tempo que lhes sobram entre os exames e o trabalho à cultura das localidades onde nasceram. Filhos da mobilidade e da globalização andam à procura das suas raízes e o Verão, com as suas centenas de Romarias sabe a “casa”. Se depender deles, o futuro das festas populares está garantido.” Coentrão, Abel. Citado em: (Sampaio, 2013).

(Vasconcelos, 2001).

Tais motivos, poderiam ser à partida fundamentos suficientes para atrair mais jovens, no entanto decidimos direcionar o nosso trabalho no âmbito da conceção de um projeto distinto e inovador.

Segundo Luísa Roubaud, atualmente existe “espaço para aparecerem linguagens novas que não estão a ser exploradas”<sup>51</sup>, ou que não foram exploradas até agora, no âmbito do folclore. O nosso país desde sempre viveu um complexo em relação a esta área, algo que se notou também noutros países, no entanto Portugal atrasou-se na criação de projetos entre as danças contemporâneas e folclóricas, tendo sido apenas quando as coreógrafas propostas nesta dissertação começaram a aliar-se através da dança contemporânea ao folclore. Como dizia Ferro “só o diferente, o inédito, interessa e apaixonava os outros povos”<sup>52</sup>, e é o diferente que nos incentiva na continuidade deste projeto, trabalhando com outras áreas em conjunto onde consideramos existirem vários pontos a favor do “folclore contemporâneo”.

Numa primeira análise SWOT, julgamos o projeto como sendo original no âmbito dos vários eventos existentes na cidade de Viana do Castelo, promovendo a integração de jovens e da atividade física. Também é uma forma de promoção e divulgação de uma área menosprezada pela sociedade. Este projeto pretende ainda ser difundido por várias freguesias e cidades, de forma a criar novos públicos. A publicidade do evento deve ser imensa, porque é essencial a forte participação, tanto do público-alvo, a juventude, como dos grupos folclóricos. Para a adesão dos grupos folclóricos é necessário um trabalho de campo, em entender a opinião dos membros e a abertura dos grupos em criar novos espetáculos, porque “... o folclore é dinâmico e evolui com as mudanças da sociedade. Não é sobrevivência, mas cultura viva.” (Alcoforado, 2008).

---

<sup>51</sup> Silva, Samuel (2012). A dança contemporânea ultrapassou o completo do folclore. *Público*. Acedido em 23 de Setembro de 2019, em: <https://www.publico.pt/2012/03/16/jornal/a-danca-contemporanea-ultrapassou-o-completo-do-folclore-24194062>.

<sup>52</sup> Citado em (Alves, Arte Popular e Nação no Estado Novo - A Política Folclorista do Secretariado da Propaganda Nacional, 2013).

Sabemos que atualmente os grupos apostam não só na dança e no canto, mas também em representações de tradições antigas em cima do palco, dando outra animação aos espetáculos, com utensílios antigos e brincadeiras entre os membros. Isto dá-nos a entender que a preocupação dos grupos folclóricos já não é só o folclore, mas também as questões etnográficas, apresentando também mais rigor e coordenação entre todos. Para qualquer um é de grande orgulho levar o nome da sua localidade e cidade, para longe, e ouvir os aplausos de gente que pouco ou quase nada percebe o que se sente ao vestir as indumentárias das nossas gerações passadas e representá-las com o rigor exigido, por cada grupo.

No processo de elaboração deste trabalho foram sentidas algumas dificuldades, onde principalmente detetámos falta de documentação sobre folclore e etnografia, porque o que existente é muito vago. Consideramos o estudo das nossas tradições essencial para entender o caminho percorrido até aos dias de hoje, o que o povo vestia e para que ocasiões usava esta e aquela roupa, porque é que dançavam e cantavam aquela música, o porquê daquele ritmo, que muitas vezes acompanhava o labor, dando compasso ao que se fazia. O folclore é parte da nossa identidade, precisamos estudá-la e conhecê-la para assim podermos experimentá-la nos grupos folclóricos. Afinal, a identidade é composta pela experiência de percursos, e mesmo diferentes individualmente, os reconhecemos coletivamente nestes grupos.

Também sentimos dificuldade no que respeita ao contacto com associações e grupos folclóricos, por ser uma época de muitas atuações e atividades, torna-se custoso conseguir falar com os grupos e pedir apoio para a colaboração nos inquéritos, aos quais não tivemos tanta adesão como queríamos. Além disso, notámos uma fraca adesão na resposta aos *emails* quando se tratam de projetos académicos, poucos são os trabalhos realizados no âmbito do folclore e o pedido de apoio aos grupos, torna-se para eles, uma colaboração irrelevante.

No campo da Gestão Cultural, defendemos fortemente que para além das outras artes, também a etnografia e o folclore devem ser alvos de estudo e trabalho. Por essa mesma razão foi essa a nossa área de estudo, servindo ainda esta dissertação como um impulso de divulgação e reconhecimento do trabalho desenvolvido pelos grupos folclóricos. Há imensos grupos folclóricos por todo o país, que estudam os usos e costumes das suas terras, para poderem representar autenticamente a realidade social, económica e cultural da sua região numa determinada época em cima do palco.

Consideramos que devem ser promovidas mais ações e atividades de sensibilização, para além de espetáculos também tertúlias organizadas para todos os folcloristas.

O folclore começou por ser a arte popular usufruída como meio de representar o país na Política de Espírito.

“ [...] O Secretariado integrou a arte popular numa política do gosto, procurando desenvolver um estilo português contemporâneo nas artes eruditas, mas também nas artes decorativas, num processo de aportuguesamento e embelezamento de diversas facetas visíveis do quotidiano nacional.”

(Alves, *Arte Popular e Nação no Estado Novo - A Política Folclorista do Secretariado da Propaganda Nacional*, 2013). *P. 270*

Mais tarde, foi possível assistir ao surgimento de vários agrupamentos na contínua defesa das tradições, e respondendo à necessidade de corresponder ao público<sup>53</sup>. Ao contrário daquilo que pretendia fazer o Estado Novo, não pretendemos ficcionar um certo mundo português, mas integrar estas tradições numa identidade contemporânea, da qual devem fazer parte todas as artes.

Concluimos com esta citação que tão bem sintetiza a nossa intenção, por considerar que o folclore não trata apenas do passado, mas também do contemporâneo.

“Se a tradição sobrevive nos dias atuais não é simplesmente em decorrência de sua relevância no passado, mas sim porque diz algo sobre o presente”.

(Santos, Santos , & Santos , 2015). *P. 57*

---

<sup>53</sup> “... Que se defenda a necessidade de estilizar certos aspectos do folclore de modo a satisfazer «as exigências do público» e que, ao mesmo tempo, se repute esse público de «pouco exigente».” (Vasconcelos, 2001).

## BIBLIOGRAFIA

### Bibliografia

- A Música Portuguesa a Gostar Dela Própria.* (2018). Obtido em 20 de Novembro de 2018, de A Música Portuguesa a Gostar Dela Própria: <http://amusicaportuguesaagostardelapropria.org/>
- Agamben, G. (2009). *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos - Editora de UnoChapecó.
- Albuquerque, L. A. (2011). A política cultural como "política de espírito". *Tese de Doutoramento - A cultura como categoria de intervenção pública no tempo e no território*. Porto, Portugal.
- Albuquerque, L. A. (2011). Caderno PAR nº 4. *Políticas Culturais: Conceitos e Tipologias*. Caldas da Rainha.
- Alcoforado, D. (2008). Do folclore à cultura popular. *Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL*, pp. 176 - 179. Obtido em 18 de Julho de 2019, de <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/31761/22223>
- Alves, V. M. (1997). Os etnógrafos locais e o Secretariado da Propaganda Nacional. Um estudo de caso. Em *Etnográfica Vol. I (2)* (pp. 237 - 257).
- Alves, V. M. (2003). Capítulo 8. O SNI e os ranchos folclóricos. Em J. F. Salwa El-Shawan Castelo-Branco, *Vozes do Povo* (pp. 190-206). Oeiras: Celta Editora. Obtido em 08 de novembro de 2018, de <https://books.openedition.org/etnograficapress/567>
- Alves, V. M. (2013). *Arte Popular e Nação no Estado Novo - A Política Folclorista do Secretariado da Propaganda Nacional*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Alves, V. M. (s.d.). O povo do Estado Novo. Em *Como se faz um povo - Identidade Nacional, Cultura Popular e Revolução* (pp. 183 - 194).
- Alves, V. M. (s.d.). Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo . *Secretariado*, pp. 1191 - 1194.
- Anico, M. (2009). Políticas Culturais em Portugal e Espanha. *Pasos - Revista de Turismo y Patrimonio Cultural; Volumen 7, Numero1*, pp. 57-71.

- António Joaquim Tavares Ferro*. (s.d.). Obtido em 20 de Janeiro de 2019, de Folclore de Portugal - O Portal de Folclore e da Cultura Popular Portuguesa: [http://www.folclore-online.com/pessoas/ant\\_ferro.html#.XY9zzkZKjIU](http://www.folclore-online.com/pessoas/ant_ferro.html#.XY9zzkZKjIU)
- António Jorge Dias | Pessoas | Folclore.PT*. (s.d.). Obtido em 20 de Janeiro de 2019, de Folclore.PT: <http://folclore.pt/antonio-jorge-dias-pessoas/#.XBal61z7TIU>
- Araújo, A., & Filipa Lã, J. S. (2012). Conference Paper - Canto Folclórico Minhoto: dados preliminares de um Estudo de Caso. Aveiro: Instituto de Etnomusicologia - Centro de Estudos em Música e Dança. Obtido em 16 de 05 de 2019, de <http://researchgate.net/publication/271386411>
- Araújo, A., Sundberg, J., & Lã, F. (2012). Conference Paper - Canto Folclórico Minhoto: dados preliminares de um Estudo de Caso. Aveiro: Instituto de Etnomusicologia - Centro de Estudos em Música e Dança. Obtido em 16 de Maio de 2019, de <http://researchgate.net/publication/271386411>
- Arte em Movimento. (s.d.). *Arte em Movimento*. Obtido em 16 de Setembro de 2019, de <http://www.arteemmovimento.pt/>
- Augusto Gomes dos Santos | Pessoas | Folclore.PT*. (s.d.). Obtido em 05 de Abril de 2019, de Folclore.pt: <http://folclore.pt/augusto-gomes-dos-santos-pessoas/>
- Benjamim, R. (s.d.). *Conceito de Folclore*. Brasil. Obtido de [https://www.unicamp.br/folclore/Material/extra\\_conceito.pdf](https://www.unicamp.br/folclore/Material/extra_conceito.pdf)
- Branco, J. F. (1999). A fluidez dos limites: discurso etnográfico e movimento folclórico em Portugal. Em *Etnográfica*, Vol. III (1) (pp. 23 - 48). Obtido em 23 de Abril de 2019, de <http://hdl.handle.net/10071/625>
- Branco, J. F. (1999). Autoritarismo Político e Folclorização em Portugal: O Mensário das Casas do Povo (1946-1971). Em A. G. Antropoloxía, *Mesas de Trabajo* (pp. 29-45).
- Branco, J. F. (2010). Cultura e Folclorização em Portugal: o caso de Peroguarda. Em A. Barrio, A. Motta, & M. Gomes, *Inovação Cultural, Patrimônio e Educação* (pp. 79 - 89). Obtido em 23 de Maio de 2019, de <http://hdl.handle.net/10071/3630>
- Cadavez, M. C. (2012). Parte II – A institucionalização do turismo nos primeiros anos do Estado Novo. Em M. C. Cadavez, *Dissertação "A Bem da Nação. As Representações Turísticas no Estado Novo entre 1933 e 1940"* (pp. 95 - 115). Lisboa: Universidade de Lisboa.

- Câmara Municipal de Oeiras. (2014). *Estudos Arqueológicos de Oeiras Volume 21*. Obtido em 28 de Setembro de 2019, de <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/5078/1/2014%20Abel%20Viana%20%281896-1964%29%20JLCardoso.pdf>
- Câmara Municipal de Viana do Castelo. (2017). *Traje à Vianesa - Viana do Castelo. Caderno de Especificações para a Certificação*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- Carvalho, J. (1996). A Nação Folclórica: Projeção Nacional, Política Cultural e Etnicidade em Portugal. Em *Revista Transcultural de Música 2* (pp. 1 - 7). Obtido em 16 de Maio de 2019, de <https://www.sibetrans.com/trans/articulo/287/a-nacao-folclorica-projeccao-nacional-politica-cultural-e-etnicidade-em-portugal#top>
- Castelo, C. M. (2019). *Grupos Folclóricos - Câmara Municipal de Viana do Castelo*. Obtido em 15 de Maio de 2019, de Câmara Municipal de Viana do Castelo: <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/grupos-folcloricos>
- Castelo-Branco, S. E.-S., & Branco, J. F. (2003). Folclorização em Portugal: Uma Perspectiva. Em S. E.-S. Castelo-Branco, & J. F. Branco, *Vozes do Povo* (pp. 1 - 21). Oeiras: Celta Editora. Obtido em 30 de Janeiro de 2019, de <https://books.openedition.org/etnograficapress/545>
- DGES. (2019). *UNESCO | DGES*. Obtido em 10 de Abril de 2019, de DGES: <https://www.dges.gov.pt/pt/pagina/unesco>
- Escaleira, J. (2009). Folclore - entre a tradição e a modernidade. O espetáculo. Em C. M. Castelo, *Cadernos Vianenses n.º 43* (pp. 267 - 277). Viana do Castelo. Obtido em 22 de Abril de 2019, de <http://vctopac.bibliopolis.info/OPAC/documentos/VianadoCastelo/20100203165305.pdf>
- Eventos e Romarias | XXIII Festival de Folclore Internacional do Alto Minho - VianaFestas Associação Promotora das Festas da Cidade de Viana do Castelo*. (2017). Obtido em 05 de Abril de 2019, de VianaFestas: <http://vianafestas.com/pt/eventos-e-romarias/xxiii-festival-de-folclore-internacional-alto-minho>
- Federação do Folclore Português. (15 de dezembro de 2018). Estatutos da Federação do Folclore Português - Revisão de 2018. Arcozelo - V. N. de Gaia.

- Fernando Lopes-Graça | Pessoas | Folclore.PT. (s.d.). Obtido em 20 de Janeiro de 2019, de Folclore.PT: <http://folclore.pt/fernando-lopes-graca-pessoas/#.XBaly1z7TIU>
- Ferrão, H. N. (s.d.). Ribatejo: do rancho de trabalhadores ao rancho folclórico - a construção de novas práticas configuradas numa identidade regional. Em *IV Congresso Português de Sociologia*. Obtido em 07 de Agosto de 2019, de [https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR462df847445fb\\_1.pdf](https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR462df847445fb_1.pdf)
- Fonterrada, M. T. (2008). Tramando os fios da Educação Musical: os métodos ativos - Arte. Em M. T. Fonterrada, *De Tramas e Fios - Um ensaio sobre música e educação - 2ª edição* (pp. 153 - 154). São Paulo: Editora UNESP.
- Fundação INATEL. (2018). *A Fundação*. Obtido em 10 de Abril de 2019, de INATEL: <http://www.inatel.pt/Fundacao/i/Fundacao.aspx>
- Gonçalves, C. (2011). Funções e Implicações Sociais da Música Tradicional Portuguesa. Em *Tese de Mestrado em Educação Artística: A Música Popular Folclórica: estratégia de ensino aprendizagem na disciplina de Educação Musical* (pp. 23 - 30). Viana do Castelo: IPVC.
- Henriques, C., & Custódio, M. J. (2012). Turismo e Dança Folclórica em Portugal: Que futuro? Em C. Malheiros, I. Brasão, & F. Dias, *Imagem, Património e Sustentabilidade dos Destinos Turísticos - GITUR* (pp. 19 - 42). Porto.
- História da Filigrana Portuguesa*. (2019). Obtido em 28 de Setembro de 2019, de Filigrana Portuguesa: <https://www.filigranaportuguesa.pt/pages/filigrana>
- Hobsbawn, E., & Ranger, T. (1984). 1. Introdução: A Invenção das Tradições. Em E. Hobsbawn, & T. Ranger, *A Invenção das Tradições* (pp. 9 - 23). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- JADANÇA. (s.d.). Obtido em 15 de Setembro de 2019, de Facebook: [https://www.facebook.com/pg/Jadanca/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/Jadanca/about/?ref=page_internal)
- Jaramillo, J. (2012). Casas do Povo, Casas dos Pescadores: A dimensão arquitetónica de um organismo para o desenvolvimento social. *Capítulo II: Casas do Povo como Equipamento de Assistência Social*. Porto, PP. 33-36.
- Joaquim Teófilo Fernandes Braga | Pessoas | Folclore.PT. (s.d.). Obtido em 20 de Janeiro de 2019, de Folclore.PT: <http://folclore.pt/teofilo-braga-pessoas/#.XBal2Vz7TIU>

José de Leite Vasconcelos | Pessoas | Folclore.PT. (s.d.). Obtido em 20 de Janeiro de 2019, de Folclore.PT: <http://folclore.pt/jose-leite-de-vasconcelos-pessoas/#.XBaJSFz7TIU>

Linhares, A., Henriques, C., & Moreira, M. C. (2014). Turismo e Folclore: O papel da valorização das danças populares pelos grupos folclóricos de Viana do Castelo. *Turismo & Desenvolvimento* nº21/22, pp. 57-65.

Martins, A. C. (2014). Etnografia Portuguesa: Das suas origens à produção cultural do Estado Novo. Em A. C. Martins, *Dissertação "A construção de um lugar de memória"* (pp. 31 - 39). Universidade do Porto.

Melo, D. (2003). Capítulo 2. A FNAT entre conciliação e fragmentação. Em J. F. Salwa El-Shawan Castelo-Branco, *Vozes do Povo* (pp. 37-57). Oeiras: Celta Editora. Obtido em 31 de Março de 2019, de <https://books.openedition.org/etnograficapress/551>

Melo, D. (2011). Salazarismo e Cultura Popular (1933-58). Em J. V. Henrique Barreto Nunes, *O Mundo Continuará a Girar. Prémio Victor de Sá de História Contemporânea, 20 anos (1992-2011)* (pp. 117 - 125). Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho, Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória».

Néia, V. (2017). O folclore e a escrita da História: a cultura popular como fonte. *Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura Vol. 25*, pp. 203 - 226. Obtido em 12 de Maio de 2019, de <http://dx.doi.org/10.20396/resgate.v25i1.8648158>

Nunes, R. A. (2014). Capítulo 2 - Enquadramento de época. Em R. A. Nunes, *Dissertação "Bailado Nacional... Emanação da terra e da história... Contributo para o estudo da Companhia de Dança Verde Gaio. Memória dos protagonistas, bailados, teatros e municípios."* (pp. 5 - 31). Universidade Nova de Lisboa.

PéDeXumbo. (2016). *A Dança Portuguesa a Gostar Dela Própria*. Obtido em 20 de Novembro de 2018, de <http://adancaportuguesaagostardelapropria.pedexumbo.com/>

Pedro Homem de Mello | Pessoas | Folclore.PT. (s.d.). Obtido em 20 de Janeiro de 2019, de Folclore.PT: <http://folclore.pt/pedro-homem-de-mello-pessoas/#.XBAlr1z7TIU>

Ramos, R. (2003). Capítulo 1. A ciência do povo e as origens do estado cultural. Em J. F. Salwa El-Shawan Castelo-Branco, *Vozes do Povo* (pp. 24-35). Oeiras: Celta

Editora. Obtido em 30 de Janeiro de 2019, de <https://books.openedition.org/etnograficapress/549>

Raposo, B. (2017). Mais do que dançar, os ranchos preocupam-se cada vez mais em recriar as tradições antigas. *Gazeta das Caldas*. Obtido em 17 de Maio de 2019, de <https://gazetacaldas.com/cultura/do-dancar-os-ranchos-preocupam-vez-recriar-as-tradicoes-antigas/>

Ribas, T. (1982). *Danças Populares Portuguesas*. Amadora: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa - Ministério da Educação e das Universidades. Obtido em 17 de Maio de 2019, de <http://aevdigital.pt/index.php?page=13&id=751&db=>

Roubaud, M. L. (2003). Capítulo19. O Verde Gaio: uma política do corpo no Estado Novo. Em J. F. Salwa El-Shawan Castelo-Branco, *Vozes do Povo* (pp. 337-354). Oeiras: Celta Editora. Obtido em 30 de Janeiro de 2019, de <https://books.openedition.org/etnograficapress/588#notes>

Roy, D. C. (2014). *Dance Performance by Lúcnica, Slovak National Folklore Ballet - What is the Meaning of Staged Folkloric Performances?* The Edwin Mellen Press - Lewiston|Lampeter.

Sampaio, F. (2013). *Romaria da Senhora d'Agonia - Pedido de declaração de interesse para o turismo*. Viana do Castelo: CMVC.

Santos, A., Santos, M., & Santos, S. (2015). Uma experiência de história pública: folclore e cidadania no ensino de história. Em *Cadernos de Graduação* (pp. 51 - 63). Aracaju. Obtido em 25 de Julho de 2019, de <https://periodicos.set.edu.br/index.php/cadernohumanas/article/view/1740/1204>

Sardo, S. (1988). O papel do Grupo Folclórico (federado) no contexto da Música Popular Portuguesa. Em *Actas do V Encontro Nacional de Musicologia* (pp. 58 - 59). Associação Portuguesa de Educação Musical - Boletim 58. Obtido em 16 de Maio de 2019, de [https://www.academia.edu/2540352/O\\_papel\\_do\\_grupo\\_folcl%C3%B3rico\\_federado\\_no\\_contexto\\_da\\_m%C3%BAsica\\_popular\\_portuguesa](https://www.academia.edu/2540352/O_papel_do_grupo_folcl%C3%B3rico_federado_no_contexto_da_m%C3%BAsica_popular_portuguesa)

Sardo, S. (2008). Música Popular e Diferenças Regionais. Em *Portugal: Percursos da Interculturalidade. 1º volume: Raízes e Estruturas* (pp. 408 - 476). Lisboa. Obtido em 16 de Maio de 2019, de [https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/182327/1\\_PI\\_Cap8.pdf/d3d3f152-386f-4d1a-8d48-58d699e6d25b](https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/182327/1_PI_Cap8.pdf/d3d3f152-386f-4d1a-8d48-58d699e6d25b)

- Sardo, S. (2014). Fado, Folclore e Canção de Protesto em Portugal: repolitização e (con)sentimento estético em contextos de ditadura e democracia. Em *Debates*, nº12 (pp. 63 - 77).
- Seromenho, M. (2003). Capítulo 11. A Federação do Folclore Português. Em J. F. Salwa El-Shawan Castelo-Branco, *Vozes do Povo* (pp. 245-251). Oeiras: Celta Editora. Obtido em 10 de Novembro de 2018, de <https://books.openedition.org/etnograficapress/572>
- Silva, S. (16 de Março de 2012). A dança contemporânea ultrapassou o complexo do folclore. *Público*. Obtido em 23 de Setembro de 2019, de <https://www.publico.pt/2012/03/16/jornal/a-danca-contemporanea-ultrapassou-o-complexo-do-folclore-24194062>
- Teixeira, M. (2008). O Traje Regional Português e o Folclore. Em *Portugal: Percursos da Interculturalidade. 1º volume: Raízes e Estruturas* (pp. 353 - 406). Lisboa. Obtido em 16 de Maio de 2019, de [https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/182327/1\\_PI\\_Cap7.pdf/803cd114-b7e8-448a-8dea-aeacd67866fe](https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/182327/1_PI_Cap7.pdf/803cd114-b7e8-448a-8dea-aeacd67866fe)
- Tomaz Ribas | Pessoas | Folclore.PT. (s.d.). Obtido em 20 de Janeiro de 2019, de Folclore.PT: <http://folclore.pt/tomaz-ribas-pessoas/#.XBaJTiz7TIU>
- Vasconcelos, J. (2001). Estéticas e Políticas do Folclore. Em *Análise Social, Vol. XXXVI, nº 158-159* (pp. 399 - 433). Obtido em 16 de Maio de 2019, de <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218726664Q6sKS3ko1Pj02TZ0.pdf>
- Viana do Castelo - Tradição e Modernidade. (s.d.). Obtido em 21 de Setembro de 2019, de Câmara Municipal de Viana do Castelo: <http://www.cm-viana-castelo.pt/images/bannercmvc/CapitalFolclore.html>
- VianaFestas. (2017). *Eventos e Romarias | XXIII Festival de Folclore Internacional do Alto Minho*. Obtido em 5 de Abril de 2019, de VianaFestas Associação Promotora das Festas da Cidade de Viana do Castelo: <http://vianafestas.com/pt/eventos-e-romarias/xxiii-festival-de-folclore-internacional-alto-minho>
- VianaFestas. (2017). *VianaFestas | VianaFestas Associação Promotora das Festas da Cidade de Viana do Castelo*. Obtido em 12 de Abril de 2019, de VianaFestas: <http://vianafestas.com/pt/viana-festas>
- Vilhena, I. (9 de Outubro de 2017). Ranchos animaram desfolhada à moda antiga em Lomar. *Correio do Minho*. Obtido em 28 de Setembro de 2019, de Correio do

Minho: <https://correiodominho.pt/noticias/ranchos-animaram-desfolhada-a-moda-antiga-em-lomar/105098>

Vira Viana. (2016). *Vira Viana*. Obtido em 23 de Maio de 2019, de <https://viraviana.wixsite.com/viraviana/grupos-folcloricos-e-etnograficos>

VxMag. (20 de Janeiro de 2016). A aldeia da Indonésia onde se dança o vira e se canta em português. *A aldeia da Indonésia onde se dança o vira e se canta em português*. Portugal. Obtido em 20 de Setembro de 2019, de [https://www.vortexmag.net/a-aldeia-da-indonesia-onde-se-danca-o-vira-e-se-canta-em-portugues/?fbclid=IwAR1vS6\\_2LODdss1EyhOPyCQOEL3y41kibAoH9vSuBS1H2GS5zdxBgGSG0FM](https://www.vortexmag.net/a-aldeia-da-indonesia-onde-se-danca-o-vira-e-se-canta-em-portugues/?fbclid=IwAR1vS6_2LODdss1EyhOPyCQOEL3y41kibAoH9vSuBS1H2GS5zdxBgGSG0FM)

## ANEXOS

Anexo 1: Questionários.....	2
Questionário 1.....	3
Questionário 2.....	5
Questionário 3.....	7
Questionário 4.....	9
Questionário 5.....	11
Questionário 6.....	13
Questionário 7.....	15
Questionário 8.....	17
Questionário 9.....	19

## Anexo 1: Questionários

Pedimos, por favor, que responda às seguintes questões justificando cada uma das respostas, e até com exemplos de projetos, eventos ou atividades, sempre que possível.

Com estas questões pretendemos compreender o seu ponto de vista no que respeita ao folclore na era atual. As suas respostas serão inseridas na Dissertação de Mestrado em Gestão Cultural, com a temática de “As novas expressões na Dança Tradicional Portuguesa. Folclore Minhoto”, na qual pretendemos também criar um projeto de cativação de jovens para os grupos folclóricos, de modo a conseguir baixar a faixa etária que os grupos apresentam.

**Idade:** \_\_\_\_      **Gênero:** Feminino \_\_ Masculino \_\_

1. Considera, hoje em dia, a cativação de jovens para os grupos e atividades folclóricas cada vez mais difícil?
2. Os jovens têm mais interesse noutras áreas, como a dança contemporânea. Já existem projetos nos quais grupos folclóricos e artistas contemporâneos colaboram, considera uma possível forma de cativar jovens?
3. Já alguma vez colaboraram com artistas contemporâneos? Dança, música ou artes plásticas...
4. Se sim, como foi a experiência? Voltavam a repetir? Se não, aceitariam colaborar? Porquê?
5. Foi ou é pertinente este tipo de colaborações para atrair não só jovens e novos componentes para o grupo, mas também para cativar o público a assistir a mais espetáculos?
6. É importante, atualmente, que existam projetos contemporâneos aliados às tradições que defendemos?
7. O interesse pelas tradições pode ser cativada de certa forma através de outras artes?
8. E os *media*? Este tipo de colaborações pode ser importante para que os *media*, nomeadamente a televisão, dê mais atenção ao folclore? E por sua vez aumente a visibilidade.
9. Mais algum comentário a fazer?

Obrigada pela colaboração.

Questionário 1:

**Idade:** 23      **Gênero:** Feminino  Masculino

1. **Considera, hoje em dia, a cativação de jovens para os grupos e atividades folclóricas cada vez mais difícil?** Sim, porque existem um estereótipo ligado ao folclore e a quem o pratica que o torna um alvo fácil de críticas, e que faz com que as pessoas não se queiram aliar a ele, havendo grupos folclóricos que não assumem a responsabilidade de procurar ser verdadeiros nas suas representações. Outro fator é a falta de atividades e dinamização do mesmo em freguesias fora e Viana, onde o folclore está ao alcance de todos.
2. **Os jovens têm mais interesse noutras áreas, como a dança contemporânea. Já existem projetos nos quais grupos folclóricos e artistas contemporâneos colaboram, considera uma possível forma de cativar jovens?** Sim, dando a conhecer o folclore a partir dessas atividades, é mais fácil começar a sentir interesse pelo mesmo e a entender o que é e de que forma se assume.
3. **Já alguma vez colaboraram com artistas contemporâneos? Dança, música ou artes plásticas...** Não.
4. **Se sim, como foi a experiência? Voltavam a repetir? Se não, aceitariam colaborar? Porquê?** Sim, aceitaria colaborar. Porque penso que o folclore consegue demonstrar-se de várias formas, e adaptar-se havendo espaço para tudo. Existem atividades em que o consigo mostrar de forma crua, realista e verdadeira, bem como em espaços onde o demonstrar em forma de espetáculo e com parcerias em que se celebra a dança.
5. **Foi ou é pertinente este tipo de colaborações para atrair não só jovens e novos componentes para o grupo, mas também para cativar o público a assistir a mais espetáculos?** É importante porque cada vez mais as pessoas se tornam exigentes com o que veem, fazer com que fiquem atentas ao espetáculo só se consegue com brio, trabalho e diferença. Devemos sempre ser multifacetados e inovadores, contudo mantendo a essência.
6. **É importante, atualmente, que existam projetos contemporâneos aliados às tradições que defendemos?** Sim, é através dele que chegamos aos espectadores e fazemos com que existam mais jovens a ter acesso ao mesmo. Uma vez que o folclore se consegue adaptar e transmitir uma mensagem.

- 7. O interesse pelas tradições pode ser cativada de certa forma através de outras artes?** Sim, a literatura por exemplo é uma forma de arte e através dela podemos ter acesso ao folclore do momento temporal da narrativa. Uma outra arte, como a cinematográfica, muitas das vezes narra uma outra época, que exige conhecimento pelas tradições, de modo a manter-se fiel.
- 8. E os *media*? Este tipo de colaborações pode ser importante para que os *media*, nomeadamente a televisão, dê mais atenção ao folclore? E por sua vez aumente a visibilidade.** Claro que sim, os espectadores consomem a maior parte das vezes as novidades, porque querem ver algo novo. Havendo uma parceria entre o folclore e artistas já com uma reputação acentuada, é natural que em algum momento tenha visibilidade televisiva (por exemplo), e conseqüentemente um alcance maior por parte da população. Tudo isso gera visibilidade que por sua vez desperta o interesse.
- 9. Mais algum comentário a fazer?** Acho importante que os jovens se insiram na cultura etnográfica e folclórica, uma vez que retrata a história de um povo. Contudo, na minha opinião, também devem ter um suporte inerente a si de compreensão e abertura para novas ideias, uma vez que os mais jovens ao participarem constroem também opiniões que devem ser ouvidas e respeitadas. Isso também contribui para um crescimento, quer enquanto ser pessoal, como grupo, e a cultura ganha com isso.

Questionário 2:

**Idade:** 24      **Gênero:** Feminino  Masculino

1. **Considera, hoje em dia, a cativação de jovens para os grupos e atividades folclóricas cada vez mais difícil?** Sim, atualmente as novas tecnologias tiram bastante tempo aos jovens. São uma distração enorme que os torna cada vez mais dependentes e incapazes de praticar atividades físicas (muitas das vezes), ou aderir a grupos e/ou associações culturais.
2. **Os jovens têm mais interesse noutras áreas, como a dança contemporânea. Já existem projetos nos quais grupos folclóricos e artistas contemporâneos colaboram, considera uma possível forma de cativar jovens?** É possível a dança contemporânea ser uma forma mais apelativa aos jovens. No entanto, também considero a música uma boa forma de cativar os jovens, pois notámos bastante juventude em Bandas ou Associações Musicais, do que vemos em Grupos Folclóricos, onde talvez a pequena percentagem juvenil destes grupos vem através das suas famílias, como um testemunho passado de geração em geração.
3. **Já alguma vez colaboraram com artistas contemporâneos? Dança, música ou artes plásticas...** Não, mas já criamos espetáculos diferentes daquilo que é esperado dos RF – dança, agradece, apresenta, BIS – onde as danças não param usando a música como elo de ligação entre danças com novas adaptações musicais. Também com as danças de salão já fizemos um espetáculo criativo, onde os dois tipos de dança foram colocados no desconforto da outra dança, ou seja, os bailarinos de folclore dançaram uma coreografia sua ao ritmo de uma valsa, e por sua vez, os bailarinos de danças de salão, bailaram uma coreografia de salão, ao ritmo do vira.
4. **Se sim, como foi a experiência? Voltavam a repetir? Se não, aceitariam colaborar? Porquê?** Acho que uma colaboração deste tipo só pode ser uma mais-valia para os grupos folclóricos e para os seus beneficiários. Pois existe a oportunidade de conseguir “angariar” mais jovens para o grupo, e para os jovens se integrarem em grupos sociais, onde aprendem e criam laços de amizade.
5. **Foi ou é pertinente este tipo de colaborações para atrair não só jovens e novos componentes para o grupo, mas também para cativar o público a assistir a mais espetáculos?** É sem dúvida esperado que, para além, de jovens integrarem os grupos folclóricos, o público também pode de certa forma se

interessar mais ainda pela área, nomeadamente pelas danças e pela música folclórica.

6. **É importante, atualmente, que existam projetos contemporâneos aliados às tradições que defendemos?** A contemporaneidade “pede” que as tradições se adaptem à era. Desde sempre vimos trabalhos, a nível de dança, de música e de artes plásticas adaptados a uma era mais contemporânea. Sendo assim, continua a ser importante, pois de certa forma o público apela a coisas novas, e é mais fácil para os grupos apresentarem as nossas tradições ao público como forma de os satisfazer.
7. **O interesse pelas tradições pode ser cativada de certa forma através de outras artes?** As tradições e o folclore são um tipo de arte, podem de certa forma não serem tão apreciadas como outro tipo de arte, mas é desta forma que os devemos colocar no mundo da arte, apoiando o folclore – através da música, dança ou indumentária – nas artes plásticas ou noutra tipo de música e dança.
8. **E os *media*? Este tipo de colaborações pode ser importante para que os *media*, nomeadamente a televisão, dê mais atenção ao folclore? E por sua vez aumente a visibilidade.** Atualmente não vemos muito apoio da parte dos *media* ao folclore, pois até num programa das festas da terrinha, os grupos folclóricos com as suas tradições e danças passam ao lado e são de certa forma menosprezadas pela televisão (principalmente). Considero que, se existir uma novidade na área do folclore, talvez para a televisão seja de tal impacto que mostre ao público novas formas de folclore e seja o pontapé para atrair mais gente e mais jovens para os grupos folclóricos.
9. **Mais algum comentário a fazer?** Tal como referi, os jovens atualmente são de tal forma “sugados” pelas novas tecnologias que podemos usar a mesma forma para os atrair para o folclore, através de vídeos interativos, ou até jogos entre jovens que mais tarde os capte para as danças ou música, ou até mesmo a integrar este tipo de grupos.

Questionário 3:

Idade: 51 Gênero: Feminino  Masculino

1. **Considera, hoje em dia, a cativação de jovens para os grupos e atividades folclóricas cada vez mais difícil?** Sim, visto a própria sociedade e municípios não darem o valor suficientes aos nossos costumes e tradições, são tão importantes como a nossa história de Portugal. Acham que o folclore é ‘parolo’ e que não nos traz nada de valor, o que não é verdade.
2. **Os jovens têm mais interesse noutras áreas, como a dança contemporânea. Já existem projetos nos quais grupos folclóricos e artistas contemporâneos colaboram, considera uma possível forma de cativar jovens?** Sim claro. Pois através dumas atividades podemos levar os nossos jovens a gostar de outras. O necessário é saber ligar “uma coisa à outra”.
3. **Já alguma vez colaboraram com artistas contemporâneos? Dança, música ou artes plásticas...** Na realidade não. Mas já participamos com uma academia de danças de salão onde juntamos o folclore com a valsa, em que dançamos uma dança folclórica ao som da valsa da meia-noite.
4. **Se sim, como foi a experiência? Voltavam a repetir? Se não, aceitariam colaborar? Porquê?** Sempre que se gosta, claro que se repete.
5. **Foi ou é pertinente este tipo de colaborações para atrair não só jovens e novos componentes para o grupo, mas também para cativar o público a assistir a mais espetáculos?** Claro que sim. Sendo para nós (grupo folclórico) uma boa experiência, também é para o próprio público que vê que podemos estilizar os próprios espetáculos de folclore, introduzindo novas técnicas de dança e nunca saindo da “linha” do folclore.
6. **É importante, atualmente, que existam projetos contemporâneos aliados às tradições que defendemos?** Sim, porque se formos a analisar uma coisa está sempre ligada à outra. Há já muitos anos atrás, talvez ... as danças de salão estavam ligadas ao referido folclore.
7. **O interesse pelas tradições pode ser cativada de certa forma através de outras artes?** Sim.
8. **E os *media*? Este tipo de colaborações pode ser importante para que os *media*, nomeadamente a televisão, dê mais atenção ao folclore? E por sua vez aumente a visibilidade.** Sim. Se fizermos os *media* perceberem que o folclore tem tanta importância como o contemporâneo através destas

interligações e espetáculos em que o folclore pode ser apresentado com música contemporânea e vice-versa. O problema é os *media* não saberem dar valor, o que são os costumes e tradições assim como a nossa sociedade. Eles dão mais valor a uma banda ou artistas que muitas das vezes aparecem do “nada”, do que a um grupo folclórico que representa as suas raízes, usos e costumes de uma certa região ou até a nível social.

9. **Mais algum comentário a fazer?** Enquanto a nossa sociedade não der valor a nada disto, também os nossos jovens não irão dar o mínimo valor. Como a história de Portugal e de outros países faz parte de nós, também os nossos usos e costumes fazem parte, e enquanto essas tradições não forem inculcadas nos nossos jovens e não só até na própria sociedade em si, seremos sempre vistos e apontados como ‘ranchinhos’ e ‘parolos’.

Questionário 4:

Idade: 19 Gênero: Feminino  Masculino

- 1. Considera, hoje em dia, a cativação de jovens para os grupos e atividades folclóricas cada vez mais difícil?** Sim, ainda é existente um certo preconceito sobre os componentes de ranchos folclóricos, notável entre os jovens principalmente, que, por vezes, sofrem *bullying* em relação à participação em grupos deste cariz, e preferem esconder que dançam, tocam ou cantam nestes grupos, ou simplesmente abandonar ou não se interessarem.
- 2. Os jovens têm mais interesse noutras áreas, como a dança contemporânea. Já existem projetos nos quais grupos folclóricos e artistas contemporâneos colaboram, considera uma possível forma de cativar jovens?** É possível que outro tipo de artes seja mais interessante para participar, como o exemplo da música. Que muitos jovens aderem mais depressa a aprender um instrumento, porque “está na moda”.
- 3. Já alguma vez colaboraram com artistas contemporâneos? Dança, música ou artes plásticas...** Não, apenas dentro do próprio grupo, o trabalho da música encadeada faz com que as danças também sejam uma só no final do espetáculo criando uma dinâmica muito mais interessante para quem assiste.
- 4. Se sim, como foi a experiência? Voltavam a repetir? Se não, aceitariam colaborar? Porquê?** Tudo o que tentamos fazer para melhorar devemos sempre aceitar, por achar que nesta área a constante mudança (q.b.) é importante, porque senão também para o público que nos acompanha ver sempre o mesmo espetáculo cansa, e é essencial quebrar espetáculos e fazer coisas novas.
- 5. Foi ou é pertinente este tipo de colaborações para atrair não só jovens e novos componentes para o grupo, mas também para cativar o público a assistir a mais espetáculos?** Tal como referi anteriormente, a constante mudança é importante também para apelar ao público presente a continuar a assistir.
- 6. É importante, atualmente, que existam projetos contemporâneos aliados às tradições que defendemos?** O contemporâneo é o atual, então também os nossos antepassados, ou seja o folclore, a nossa identidade se deve atualizar no que diz respeito às artes. Considero também que os projetos contemporâneos

sejam imprescindíveis, tendo em conta, a atual exigência do público e por vezes o uso do folclore como meio comercial.

7. **O interesse pelas tradições pode ser cativada de certa forma através de outras artes?** Sim, tal como a dança, a literatura, a pintura, também o folclore é arte. Porque é uma arte capaz de envolver e se envolver com todas um pouco.
8. **E os *media*? Este tipo de colaborações pode ser importante para que os *media*, nomeadamente a televisão, dê mais atenção ao folclore? E por sua vez aumente a visibilidade.** Se surgirem projetos diferenciadores, também os *media* podem começar a dar mais atenção ao folclore, que até então pouco ou quase nenhuma atenção é dada.
9. **Mais algum comentário a fazer?** Se desde cedo fossem implementadas nas escolas algumas atividades de cariz etnográfico e folclórico, desde cedo também as crianças e os jovens aprendiam a respeitar o folclore e também a aceitar os colegas praticantes dessa atividade.

Questionário 5:

Idade: 28      Gênero: Feminino  Masculino

1. **Considera, hoje em dia, a cativação de jovens para os grupos e atividades folclóricas cada vez mais difícil?** Sim. Cada vez há mais diversões/distrações e as novas tecnologias também afastam as pessoas das suas raízes/tradições.
2. **Os jovens têm mais interesse noutras áreas, como a dança contemporânea. Já existem projetos nos quais grupos folclóricos e artistas contemporâneos colaboram, considera uma possível forma de cativar jovens?** A dança contemporânea é uma possível forma de cativar os jovens. Mas o folclore também pode ser inovado para atrair mais jovens. A dança pode elevar-se a outro nível e os ranchos/grupos folclóricos também adquirem qualidade se se aliarem e trabalharem em cooperação.
3. **Já alguma vez colaboraram com artistas contemporâneos? Dança, música ou artes plásticas...** Sim.
4. **Se sim, como foi a experiência? Voltavam a repetir? Se não, aceitariam colaborar? Porquê?** A experiência foi boa, pois adquire-se conhecimento e tem-se uma melhor perspectiva da época que se está a representar.
5. **Foi ou é pertinente este tipo de colaborações para atrair não só jovens e novos componentes para o grupo, mas também para cativar o público a assistir a mais espetáculos?** É pertinente também para cativar o público a assistir a mais espetáculos. Os ranchos/grupos folclóricos (ainda uma grande parte) estagnaram no tempo e não inovam nos seus espetáculos. Assim, o público vê uma vez e à segunda vez vai achar monótono e à terceira vez já não vai ver. Assim, os grupos/ranchos folclóricos devem aliar-se a parcerias para que possam substituir nos tempos vindouros.
6. **É importante, atualmente, que existam projetos contemporâneos aliados às tradições que defendemos?** Sim.
7. **O interesse pelas tradições pode ser cativada de certa forma através de outras artes?** Sim. O folclore não é só representado pela dança, ainda que esta seja o seu ex-libris. A fotografia, a pintura e outras formas de arte podem ser um meio para que as tradições perdurem.
8. **E os *media*? Este tipo de colaborações pode ser importante para que os *media*, nomeadamente a televisão, dê mais atenção ao folclore? E por sua vez aumente a visibilidade.** Sim. Infelizmente os *media* cada vez dão menos

atenção ao folclore e às tradições, mas porque estes também se tornaram monótonos nas suas formas de apresentação. Os *media* tal como os jovens rotulam o folclore como 'parolo' e talvez a cooperação entre o folclore e outras artes possa catapultar novamente o folclore. Antes de qualquer parceria, é importante que os grupos/ranchos folclóricos também evoluam internamente e se valorizem, que exijam melhores condições (palcos, disponibilização de águas, disponibilização de acessibilidades mínimas, disponibilização de local adequado para trajar, wc, etc.). Os folcloristas têm que ser tratados como artistas "maiores", pois mostram a arte associada a tradições. Além das exigências enumeradas, é essencial que os grupos/ranchos folclóricos tenham rigor no modo como trajam para não caírem na ridicularização do público/*media*.

**9. Mais algum comentário a fazer? ---**

Questionário 6:

**Idade: 40**      **Gênero: Feminino**  **Masculino**

1. **Considera, hoje em dia, a cativação de jovens para os grupos e atividades folclóricas cada vez mais difícil?** Sim, porque os jovens não dão valor a parte cultural ou histórica, até uma certa idade, só depois de uma certa idade é que se dá mais valor à cultura e às tradições.
2. **Os jovens têm mais interesse noutras áreas, como a dança contemporânea. Já existem projetos nos quais grupos folclóricos e artistas contemporâneos colaboram, considera uma possível forma de cativar jovens?** Sim, creio que a única forma de conseguir cativar jovens nos dias de hoje, e através de formas de dança mais atuais, sendo assim creio que a dança contemporânea o hip hop, ballet... são hoje em dia modalidades procuradas pelos jovens e talvez uma forma de os fazer ver da importância do folclore e de poderem ver que também o mesmo existe e faz parte de uma dança atual.
3. **Já alguma vez colaboraram com artistas contemporâneos? Dança, música ou artes plásticas...** Sim.
4. **Se sim, como foi a experiência? Voltavam a repetir? Se não, aceitariam colaborar? Porquê?** A experiência foi excelente, pois foi dada a oportunidade de ver que o folclore pode ser dançado de outra maneira e vice-versa... Claro que voltava a repetir.
5. **Foi ou é pertinente este tipo de colaborações para atrair não só jovens e novos componentes para o grupo, mas também para cativar o público a assistir a mais espetáculos?** No meu ver, sim, pois muitas vezes os jovens não olham para o folclore, porque é visto como 'rancho' ou 'parolo' e no meu ponto de vista, as vezes vejo que os jovens que perdem um pouco do seu tempo a olhar para o folclore, ficam com outro ponto de vista, acabam por reconhecer que afinal "não era isto que eu pensava" ficam a ver que o folclore já não é o que era e é mais uma forma de estar na atualidade.
6. **É importante, atualmente, que existam projetos contemporâneos aliados às tradições que defendemos?** Sim, como respondi anteriormente é muito bom que haja uma aliança entre as diferentes formas de dança.
7. **O interesse pelas tradições pode ser cativada de certa forma através de outras artes?** Sim, mas no entanto, creio que a forma de cada um estar é singular, cada um tem uma forma de estar diferente a outro, embora estas

parcerias dê a conhecer o folclore a um leque maior de jovens, têm de se gostar para estar inserido num grupo. Mesmo assim, digo que sim, estas parcerias assim como todo o meio de divulgação ou intercâmbio será bom para todos.

**8. E os *media*? Este tipo de colaborações pode ser importante para que os *media*, nomeadamente a televisão, dê mais atenção ao folclore? E por sua vez aumente a visibilidade.** Tudo o que seja bem elaborado e bem construído é bom, e assim os *media* mostram interesse num bom espetáculo, pois vai ter boa audiência... para isso o principal é fazer um bom espetáculo, uma boa parceria, fazer ver que o folclore é muito mais que um rancho a atuar, um grupo a mostrar trajes, o folclore é uma união de culturas, as quais bem trabalhadas dá um bom espetáculo, e isso é o que os *medias* querem, a partir daí, a união ou ajuda mútua é essencial.

**9. Mais algum comentário a fazer? ---**

Questionário 7:

**Idade:** 32      **Gênero:** Feminino \_\_\_ Masculino X

1. **Considera, hoje em dia, a cativação de jovens para os grupos e atividades folclóricas cada vez mais difícil?** No caso específico de Viana do Castelo, é notável uma menor adesão de jovens, em relação à meia dúzia de anos. Nas próprias festas da cidade, as quais são uma maior parte de atividades folclóricas, também a adesão a essas atividades é mais fraca, aderindo muito mais facilmente aos festivais de música eletrónica (como o Neopop, exemplo também vianense) e noites de *DJ's*. É realmente um pouco difícil “competir”, saudavelmente, com as festas existentes e do gosto da juventude, mas isto também porque os ranchos folclóricos estagnaram de certa forma no tempo, e mantêm o mesmo espetáculo ao longo dos anos.
2. **Os jovens têm mais interesse noutras áreas, como a dança contemporânea. Já existem projetos nos quais grupos folclóricos e artistas contemporâneos colaboram, considera uma possível forma de cativar jovens?** Atualmente é realmente notável o desinteresse pelos seus antepassados, pois até os museus (em Viana do Castelo, existe o Museu do Traje, que revela a forma como eram materializados, assim como para que ocasiões eram utilizados e por quem) deixaram de ter participação de juventude. Tal como referido anteriormente, a música é um meio atrativo do público jovem, talvez uma colaboração entre o folclore e música atual pudesse ser um bom princípio.
3. **Já alguma vez colaboraram com artistas contemporâneos? Dança, música ou artes plásticas...** Não.
4. **Se sim, como foi a experiência? Voltavam a repetir? Se não, aceitariam colaborar? Porquê?**
5. **Foi ou é pertinente este tipo de colaborações para atrair não só jovens e novos componentes para o grupo, mas também para cativar o público a assistir a mais espetáculos?**

Tudo é que feito para o bem do folclore e da nossa identidade cultural é sempre bem recebido. Este pode ser um trabalho de interajuda e cooperação, parceria entre grupos e artistas reconhecidos é bom para toda a gente, assim como para o público, que por vezes abandona os espetáculos com quatro ou cinco grupos, por acharem ser todas as atuações dos grupos iguais. A interação com o público

em pleno espetáculo pode também ser um meio atrativo para gerar mais interesse no folclore e naquela que é a nossa história.

6. **É importante, atualmente, que existam projetos contemporâneos aliados às tradições que defendemos?** É importante, até um simples projeto fotográfico dos ranchos folclóricos, pode ser um meio apelativo. Muitos jovens gostam tanto de fotografar que podemos começar projetos distintos também através de uma simples câmara fotográfica. Igualmente os trabalhos escolares são uma forma para cativar o interesse dos jovens pelas nossas tradições, talvez se a educação apresentasse o folclore como parte histórica possivelmente os jovens se interessariam mais cedo pelas tradições das suas terras e não apenas pela participação em ranchos folclóricos a tocar, a cantar ou a dançar.
7. **O interesse pelas tradições pode ser cativada de certa forma através de outras artes?** Certamente que sim, mostrando igualdade para com todas as 'sete artes'.
8. **E os *media*? Este tipo de colaborações pode ser importante para que os *media*, nomeadamente a televisão, dê mais atenção ao folclore? E por sua vez aumente a visibilidade.** Desde sempre o folclore é, em certa parte, menosprezado pelos *media*. Quer queiramos, quer não, o folclore é uma arte, e como tal deve ser respeitada. Igualmente àqueles artistas que surgem através da televisão, que vão lá cantar uma música, se tornam conhecidos e têm as melhores condições para participarem nos programas televisivos, também os grupos folclóricos devem receber esse respeito, no que toca a condições de atuação.
9. **Mais algum comentário a fazer?** Em conversa com colegas do folclore, discutimos muito a falta de condições que os grupos folclóricos recebem nos festivais que participam, tal como referido acima. Até quando solicitam orçamentos, para participar em festas ou festivais, acham caro o facto de ser pedido o valor de deslocação até à localidade, quando aos artistas de música são capazes de pagar milhares por duas ou três músicas que vão lá mostrar. O interesse pelo folclore começa também no respeito que o público, os *media* e os seus amantes devem ter para com ele.

Questionário 8:

Idade: 22      Gênero: Feminino  Masculino \_\_\_

1. **Considera, hoje em dia, a cativação de jovens para os grupos e atividades folclóricas cada vez mais difícil?** Sim, na sociedade atual os jovens já não se interessam tanto pelas tradições, acham 'uma seca para velhos'.
2. **Os jovens têm mais interesse noutras áreas, como a dança contemporânea. Já existem projetos nos quais grupos folclóricos e artistas contemporâneos colaboram, considera uma possível forma de cativar jovens?** Sim, acaba por ser uma forma de mostrar no que realmente consiste o folclore, podendo chegar a cativar e chamar a atenção dos jovens
3. **Já alguma vez colaboraram com artistas contemporâneos? Dança, música ou artes plásticas...** Sim, com dança e expressão das emoções através do corpo.
4. **Se sim, como foi a experiência? Voltavam a repetir? Se não, aceitariam colaborar? Porquê?** A experiência foi interessante, mas não me cativou para seguir ou experimentar de novo.
5. **Foi ou é pertinente este tipo de colaborações para atrair não só jovens e novos componentes para o grupo, mas também para cativar o público a assistir a mais espetáculos?** Sim, pois da mesma forma que ajuda a cativar novos componentes, irá mostrar como realmente é o folclore e atrair as atenções para novos espectadores (ou pelo menos aos familiares dos novos componentes).
6. **É importante, atualmente, que existam projetos contemporâneos aliados às tradições que defendemos?** Acho muito importante e até interessante a demonstração, para preservar as nossas tradições daqui que nos representa.
7. **O interesse pelas tradições pode ser cativada de certa forma através de outras artes?** Sim, as nossas tradições e os nossos trajes são cativantes. Por isso acho que realizando um trabalho artístico que mostre a beleza das tradições, trajes e costumes, será mais fácil de chamar a sua atenção.
8. **E os *media*? Este tipo de colaborações pode ser importante para que os *media*, nomeadamente a televisão, dê mais atenção ao folclore? E por sua vez aumente a visibilidade.** Se a TV, rádio e jornais dessem um maior enfoque e visibilidade ao folclore, as pessoas iriam ver em que consiste realmente e a sua beleza.

9. **Mais algum comentário a fazer? --**

Questionário 9:

**Idade:** 26      **Gênero:** Feminino \_\_\_ Masculino X

1. **Considera, hoje em dia, a cativação de jovens para os grupos e atividades folclóricas cada vez mais difícil?** Acho que fica cada vez mais difícil cativar os jovens para as atividades folclóricas. Pelo menos em França no meu caso. Os jovens parecem ter mais interesse em atividades desportivas ou modernas. Portanto, podemos ver que aqueles que já conhecem ou andam nisto tenham muito gosto e ficam cativados nas atividades dos grupos que representam as origens dos seus pais, ou avós.
2. **Os jovens têm mais interesse noutras áreas, como a dança contemporânea. Já existem projetos nos quais grupos folclóricos e artistas contemporâneos colaboram, considera uma possível forma de cativar jovens?** Acho que é uma boa ideia para cativar o público, quer seja de jovens ou não, porque surgem espetáculos misturando moderno e antigo. Mas, penso que não vai atrair os jovens a descobrir mais a cultura popular ou folclórica.
3. **Já alguma vez colaboraram com artistas contemporâneos? Dança, música ou artes plásticas...** Ainda não, mas já nos foi pedido.
4. **Se sim, como foi a experiência? Voltavam a repetir? Se não, aceitariam colaborar? Porquê? --**
5. **Foi ou é pertinente este tipo de colaborações para atrair não só jovens e novos componentes para o grupo, mas também para cativar o público a assistir a mais espetáculos?** Acho perigoso fazer muitas colaborações assim porque daqui uns anos, vamos pensar que esse tipo de espetáculo é/era o folclore ou tradição.
6. **É importante, atualmente, que existam projetos contemporâneos aliados às tradições que defendemos?** No meu ponto de visto, acho que é bom porque assim guardamos um pouco de tradição na alma da gente. Mesmo que isso modifique a visão ou a memória do que realmente era.
7. **O interesse pelas tradições pode ser cativada de certa forma através de outras artes?** Nesta altura, acho que podemos mais cativar o interesse pelas tradições com as redes sociais nos quais os jovens estão adeptos. Permite ver fotos e vídeos curtos. Porque as artes quer seja pintura, música ou outra já são usados para promover a tradição.

8. **E os *media*? Este tipo de colaborações pode ser importante para que os *media*, nomeadamente a televisão, dê mais atenção ao folclore? E por sua vez aumente a visibilidade.** Com certeza que os media, e mais precisamente a televisão ajuda a aumentar a visibilidade das atividades folclóricas. Mas não é assim que os jovens vão ter interesse em aderir a um grupo folclórico.
9. **Mais algum comentário a fazer?** Para acabar a minha participação, acho que estamos a perder longe a longe a nossa cultura e a nossa tradição. Existem muitos grupos folclóricos, mas poucos sabem exatamente “o como era antigamente”, e talvez, o que é o “folclore”. Estamos todos a tentar representar coisas em que realmente ninguém sabe nada. Mas acaba por ser o que ficou, algumas memórias, algumas fotos e são para nós agora, “as nossas tradições”... E para mantê-las, temos que usar todos os meios possíveis quer seja com danças ou artistas contemporâneos, artes ou os *media*. Porque o importante, é lembrar da nossa cultura e história.